



**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ - FADIC  
GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**MARIA CATHARINA DA CUNHA MOURA**

**A GUERRA DO IRAQUE SOB UMA PERSPECTIVA COGNITIVO-  
COMPORTAMENTAL DO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS GEORGE W.  
BUSH**

Recife  
2018

**MARIA CATHARINA DA CUNHA MOURA**

**A GUERRA DO IRAQUE SOB UMA PERSPECTIVA COGNITIVO-  
COMPORTAMENTAL DO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS GEORGE W.  
BUSH**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Faculdade Damas da Instrução Cristã – FADIC, em cumprimento à exigência para obtenção do título de Bacharel.

**ORIENTADOR: Prof. Dr. Rodrigo Santiago**

Recife

2018

Catálogo na fonte  
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

M929g Moura, Maria Catharina da Cunha.  
A Guerra do Iraque sob uma perspectiva cognitivo-  
comportamental do presidente dos Estados Unidos George W. Bush /  
Maria Catharina da Cunha Moura. – Recife, 2018.  
58 f.: il. color.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Santiago da Silva.  
Trabalho de conclusão de curso (Monografia – Relações  
Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2018.  
Inclui bibliografia

1. Relações internacionais. 2. Terrorismo. 3. Líder. 4.  
Personalidade. 5. Cognitivo. 6. Guerra do Iraque. 6. George W. Bush.  
I. Silva, Rodrigo Santiago da. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã.  
III. Título.

327 CDU (22. ed.)

FADIC (2019-207)

**MARIA CATHARINA DA CUNHA MOURA**

**A GUERRA DO IRAQUE SOB UMA PERSPECTIVA COGNITIVO-  
COMPORTAMENTAL DO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS GEORGE W.  
BUSH**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Relações  
Internacionais da Faculdade Damas da  
Instrução Cristã – FADIC, em  
cumprimento à exigência para obtenção  
do título de Bacharel.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nota: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Orientador: Dr. Rodrigo Santiago da Silva  
**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC**

---

Prof. Examinador: Dr. Antonio Henrique Lucena Silva  
**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC**

---

Prof. Examinador: Dr. Elton Gomes dos Reis  
**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC**

## AGRADECIMENTOS

As pessoas que se fazem presentes durante a nossa caminhada são fundamentais para construção do nosso sucesso acadêmico, assim não poderia deixar de prestar esta homenagem a todos que tornaram minha jornada mais leve e tranquila.

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus e a Nossa Senhora pelas infinitas graças que recebi ao longo da minha vida, principalmente nos momentos mais difíceis e de pressão, onde através da fé consegui alcançar a paz de espírito necessária para concluir meus deveres.

Agradeço infinitamente aos meus pais que me proporcionaram um ambiente saudável, harmonioso e cheio de amor para que eu pudesse sempre dar o meu melhor nos estudos. À minha mãe Fátima, que sem ela nada disso teria sido possível, nem mesmo entrar em uma graduação, pois ela que acreditou e junto comigo correu atrás dos meus sonhos, ela para mim é fonte de luz, positividade e esperança. Ao meu pai Tarcísio, sou extremamente grata, pois foi ele que despertou em mim o gosto pelos estudos, pela leitura, pela fé e a ser uma pessoa melhor a cada dia. Que Nossa Senhora os cubra com seu manto de amor.

Obrigada também a todos os meus amados familiares (avó, tias-avós, tias, tios, primos e primas), que sempre se mostraram interessados pela minha vida acadêmica, e hoje vibram junto comigo mais uma conquista.

Não poderia deixar de agradecer ao meu avô Tarcísio Moura (in memoriam), uma das pessoas que mais me inspira na vida, um homem simples, do interior, mas que através do seu estudo conseguiu ascender na vida, construiu uma bela família, comandou durante mais de quarenta anos seus próprios laboratórios, foi presidente da Sociedade Brasileira de Análises Clínicas Regional Pernambuco, e mesmo assim nunca esqueceu dos mais necessitados. Porém, durante a minha jornada de conclusão de curso, ele foi morar junto de Deus Pai. Mas hoje isso é motivo de graça para mim, pois ganhei o melhor anjo da guarda que está intercedendo por mim todos os dias.

Agradeço aos meus amigos que me motivaram e acreditaram no meu potencial, tornando sempre o ambiente acadêmico mais leve e divertido. O meu desejo é pelo sucesso de vocês, pois estamos juntos vencendo mais uma etapa, e sonho que se sonha junto é realidade.

Agradeço ao meu orientador Rodrigo Santiago, que acreditou em mim, e me conduziu sempre com muita tranquilidade e sabedoria para a conclusão deste trabalho.

Sou grata também a Faculdade Damas da Instrução Cristã, que oferece um ambiente acolhedor e incentivador. Também agradeço a todo o corpo docente que me forneceu uma excelente base e instigou uma visão crítica acerca de diversos temas. Em especial a Elton Gomes, que compartilhou comigo seus conhecimentos e suas experiências. Agradeço também a Antonio Lucena, por ter me apresentado um dos temas que fomentou a construção desse trabalho. E a professora Lytiene Rodrigues por estar sempre preocupada com a saúde mental de seus alunos e estar sempre disposta a nos ouvir.

# **A GUERRA DO IRAQUE SOB UMA PERSPECTIVA COMPORTAMENTAL DO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS GEORGE W. BUSH**

Maria Catharina da Cunha Moura<sup>1</sup>

## **RESUMO**

Analisar os fenômenos através do prisma cognitivo é de extrema relevância para as Relações Internacionais, principalmente pela possibilidade do estudo da personalidade do líder como elemento condutor de decisões. Para compreender a Guerra do Iraque é necessária uma digressão aos embates entre Oriente e Ocidente, como por exemplo, a Guerra do Afeganistão em 1979, que suscitou a onda de terrorismo islâmico. Por conseguinte, é importante também analisar os trágicos atentados de 11 de setembro que fomentaram nos Estados Unidos uma ânsia por retaliação e busca pelos culpados. Nesse sentido, a personalidade do então presidente George W. Bush foi determinante para a invasão do Afeganistão e a Guerra do Iraque, este através da sua retórica discursiva construiu a ameaça iraquiana e projetou uma conexão entre o regime iraquiano e Osama bin Laden, que deram a ele o aval de iniciar tais empreitadas. Essa marca de sua personalidade deu início a doutrina Bush, período de endurecimento das práticas contra o terrorismo como, interceptação dos meios de comunicação, espionagem e ampliação dos poderes policiais.

Palavras-chave: Terrorismo. Líder. Personalidade. Cognitivo. Guerra do Iraque. George W. Bush.

---

<sup>1</sup> Aluna concluinte do curso de Relações Internacionais

## **ABSTRACT**

Analyzing the processes through cognitive knowledge is of extreme relevance to international relations, especially because there is a possibility of studying the leader's personality as an important decision-making element. To understand the Iraq war, is required, a digression into the conflicts between East and West such as the 1979 Afghanistan War, which raised a wave of Islamic terrorism. Therefore, it is also important to analyze the tragic attacks of September 11 that fomented in the United States a feeling of retaliation and search for the culprits. George W. Bush personality was instrumental in the invasion of Afghanistan and the Iraq War based on his discursive rhetoric he built the Iraqi threat and designed a connection between the Iraqi regime and Osama bin Laden that gave him the approval to start such work. This trait of his personality began the Bush doctrine of tightening practices against terrorism, based on interception of the media, espionage and expansion of police powers.

Keywords: Terrorism. Leader. Personality. Cognitive. Iraq War. George W. Bush.

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Personalidade de Tony Blair e Dois Grupos de Comparação .....	32
--	----

## LISTA DE FIGURAS

Quadro 1 - Esquematização do Perfil do Líder .....	29
Figura 1 - Dendograma da Classificação Hierárquica Descendente .....	42
Figura 2 - Resultado da Análise Fatorial por Correspondência .....	49

## **GLOSSÁRIO DE SIGLAS**

FATWA – Pronunciamento emitido no Islamismo

FIM-92 stinger – Míssil portátil terra-ar

IRAMUTEQ - Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires

NSS - National Security Strategy of the United States

ONU - Organização das Nações Unidas

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 CAPÍTULO I .....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 Terrorismo Transnacional .....</b>	<b>12</b>
<b>2.2 Guerra ao Terror .....</b>	<b>15</b>
<b>2.3 Dicotomia: Multilateralismo x Unilateralismo .....</b>	<b>17</b>
<b>2.4 Difusão do Medo .....</b>	<b>20</b>
<b>3 CAPÍTULO II .....</b>	<b>23</b>
<b>3.1 Abordagem Cognitiva do Perfil do Líder Político .....</b>	<b>23</b>
<b>3.2 Racionalidade e Irracionalidade na Política Internacional .....</b>	<b>23</b>
<b>3.3 Construção Simbólica do Líder e sua Personalidade .....</b>	<b>25</b>
<b>3.4 Relação entre as Características Pessoais e a Condução da Política Externa .....</b>	<b>28</b>
<b>3.5 Influência do Estilo Interpessoal de Tony Blair sobre a Casa dos Comuns .....</b>	<b>32</b>
<b>3.6 Personalidade do Líder e Tendência à Violação das Normas Internacionais .....</b>	<b>34</b>
<b>3.7 Comportamento Mentiroso .....</b>	<b>36</b>
<b>4 CAPÍTULO III .....</b>	<b>39</b>
<b>4.1 Influência das Características Comportamentais nos Discursos .....</b>	<b>39</b>
<b>4.2 Metodologia .....</b>	<b>39</b>
<b>4.3. Análise de Conteúdo .....</b>	<b>40</b>
<b>4.4 Classificação Hierárquica Descendente .....</b>	<b>41</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>50</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>52</b>
<b>7 APÊNDICE .....</b>	<b>54</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Com o passar dos tempos, a estrutura que sustenta o terrorismo foi sendo transformada e segundo Bobbio (2010), a prática do terror se adapta de acordo com a situação sociopolítica, fazendo com que a população desenvolva o ímpeto de luta ativa, através de um grupo ideologicamente organizado, para vingar as vítimas de um poder exercido pela autoridade e fazer com que esta se desestabilize.

Entretanto, o terrorismo que se apresenta no final do século XX, possui características mais holísticas, ou seja, de ameaça à segurança coletiva dos Estados no cenário internacional. Essa mudança no enfoque se deu em decorrência de alguns confrontos como a Guerra do Afeganistão em 1979 e a Guerra do Golfo em 1990, que intensificaram o embate entre Oriente e Ocidente.

De acordo com Rapoport (2004), a evolução do terrorismo pode ser analisada através de ondas, ou seja, ciclos de expansão e contração tendo como marca principal o caráter internacional realizado por uma energia em comum. Assim para o autor, por volta de 1979 emerge a Onda Religiosa que coloca o Islamismo como fonte única de salvação, e que o grupo possui uma missão messiânica de expandir o califado Islâmico.

Dessa forma, as consequências desses conflitos foram inúmeras, e para os muçulmanos estas disputas fomentaram a divisão existente entre os diversos grupos, tanto os moderados como os mais radicais, e conseqüentemente, uma busca por identificação e pertencimento, bem como o desejo de continuidade da Jihad. Os mais radicais pretendiam expandir seus ideais de instauração do Califado.

Diante deste cenário, forma-se um dos grupos mais extremistas da atualidade - Al Qaeda - dando forma a rede de terrorismo transnacional que promove ataques sistemáticos contra seus principais alvos. O que convoca a comunidade internacional a agir coletivamente e cooperativamente em prol da manutenção da paz, principalmente após os trágicos atentados de 11 de setembro de 2001.

Nesse mesmo período, o presidente Bush, que acabara de assumir o governo americano, depara-se um país hegemônico agora abalado pelos atentados terroristas. Suas primeiras ações estão voltadas ao endurecimento das medidas de segurança e manutenção da paz interna e internacional. Para tanto busca apoio das demais nações na luta contra o terrorismo, iniciando o período da Doutrina Bush.

A partir disso, cabe entender a importância do líder dentro de um conflito, como este pode usar do seu poderio para cessar ou intensificar os confrontos, bem como, compreender

de que maneira as características cognitivas do então presidente americano George W. Bush influenciaram na decisão de invadir o Iraque em 2003, na busca pelos culpados. E quais as estratégias discursivas que foram utilizadas para angariar apoio popular nesta ação.

A questão da liderança sempre esteve enraizada na sociedade desde os tempos imemoriais. No que tange a legitimidade deste poder, pode-se encontrar diversas teorias que buscam explicações para tal razão de comandar. Algumas trazem a dimensão da “vontade” o que justificaria o poder à época do absolutismo, por exemplo. Poder-se-ia também explicar através da força originária, ou seja, que existem naturalmente e independente da vontade humana, fortes e fracos, governantes e governados. Por fim, há aquelas correntes que trazem o elemento histórico como justificativa para tais poderes.

Por isso, a tradição da análise de política externa demonstra a importância de investigar os fenômenos através da abordagem da psicologia dos líderes políticos, a fim de entender as variáveis que interferem na condução de um governo, tais como lugar de formação e seus traumas, pois são fatores que moldam a personalidade do governante.

Nesse sentido a Guerra do Iraque fora analisada através da perspectiva comportamental do presidente George W. Bush, a fim de entender como fora traçado o processo decisório de tal ação, pois, de acordo com Frankel (1968), para compreender as decisões tomadas pela mente humana é importante levar em consideração os filtros, ou seja, conjunto de valores que influenciam este processo.

Ademais é necessário que o ator político tenha consciência que as suas crenças e valores pessoais podem em certa medida influenciar suas ações na esfera pública. Entretanto, tal exercício reflexivo é custoso e nem sempre executado pelos líderes, que em muitas ocasiões não observam a influência do mecanismo de filtragem. Tal comportamento segundo Jervis (1976), é que gera as falsas percepções e também o “fechamento cognitivo prematuro”, ou seja, o líder torna-se tão confiante de suas capacidade que exclui outras alternativas.

Dessa forma, observa-se que as características subjetivas podem ser projetadas para o lado político do indivíduo, assim é imprescindível analisar como as crenças, motivações e estilo interpessoal interferem na espécie de decisão. Segundo Hermann (1980), existem governantes que comumente reagem de forma parecida, podendo dar lastro para uma classificação entre líder conciliatório, ou líder agressivo.

A partir da compreensão de características pessoais e dos resultados que estas podem apresentar, torna-se mais perceptível a personalidade do presidente Bush e suas motivações para ter invadido o Iraque. De acordo com Hermann (2001), as características podem ser

nacionalismo, crença na capacidade de controlar eventos, necessidade de poder ou em oposição necessidade por filiação, complexidade conceitual e desconfiança nos demais.

Diante da compreensão da influência dos traços pessoais, busca-se explicar porque certos líderes possuem maior tendência a violar as normas internacionais, assim pautado nas conceitualizações de Hermann (1980), fora observado por Shannon e Keller (2007), que os líderes que possuem maior necessidade de poder, crença na capacidade de controlar eventos e desconfiança com os demais Estados, possuem mais tendência a violar as normas internacionais. Assim esses tipos de comportamento podem conduzir os líderes a caminhos tortuosos que para encobrir certas atitudes é necessário mentir ou distorcer uma ameaça para obter apoio da sua nação.

Portanto cabe também, analisar a abordagem de Mearsheimer (2012), acerca do comportamento mentiroso, que busca compreender se diante das circunstâncias dadas, torna-se válido para um líder que representa os interesses de uma nação mentir, torcer<sup>2</sup> ou enganar o próprio povo a fim de obter ou manter a segurança do mesmo? As mentiras possuem uma conotação distinta ao serem transportadas para o âmbito internacional. Isso porque, através de uma abordagem realista, no cenário internacional, vigora uma lógica anárquica, ou seja, não existe, segundo eles, uma entidade suprema, coercitiva e legítima que estabeleça as regras. Por isso, diante de um *Estado de Natureza* alguns países sentem-se no direito de utilizar diversos meios, inclusive os que ferem princípios éticos, como as mentiras internacionais, para garantir a segurança nacional.

Por fim, este trabalho visa analisar as ações do então presidente George W. Bush, que levaram a Guerra do Iraque e como a prática discursiva foi utilizada para dar apoio às suas ações, buscando associar teorias políticas, com questões concernentes à subjetividade do líder. Através de uma pesquisa qualitativa, e análise de conteúdo por meio do software IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires) que permite um auxílio quantitativo à pesquisa.

---

<sup>2</sup>MEARSHEIMER, John. (2012, p.34) “Torcer é o que acontece quando, ao contar uma história, a pessoa enfatiza determinados fatos e os reúne de maneira que joguem a seu favor, ao mesmo tempo em que minimiza ou ignora fatos inconvenientes.”.

## 2 CAPÍTULO I

### 2.1 Terrorismo transnacional

Esta nova roupagem do terrorismo que se faz presente no cenário internacional, nos tempos atuais, possui uma longa trajetória de embates e ameaças. De acordo com Lima (2005), a instabilidade e insegurança que vigoram no âmbito internacional são frutos de contendas por motivações religiosas e transnacionais. Ou seja, o embate entre Oriente e Ocidente tem raízes bastante remotas, desde a Guerra do Afeganistão em 1979 onde, no contexto de instabilidade ideológica fomentado pela Guerra Fria surgem forças políticas revolucionárias de cunho marxista no Afeganistão, estas por sua vez, obtiveram o apoio técnico e estratégico do exército soviético. Em oposição a estes, os insurgentes, conhecidos como Mujahedin - guerreiro islâmico - lutam contra os “infiéis soviéticos” com o apoio de nações ocidentais, principalmente dos Estados Unidos.

É importante analisar este evento, pois acredita-se que tal guerra foi um dos fatores introdutórios ao terrorismo islâmico que se faz tão latente no cenário internacional, inclusive que pode ter incitado os graves ataques de 2001. Isso porque, no intuito de vencer este conflito, o bloco ocidental e contraditoriamente a China apoiaram os combatentes islâmicos, no sentido de treinamento logístico e suprimento de armas, nesse ponto, inclusive, ressalta-se que o próprio Estados Unidos, a fim de impedir os ataques aéreos do exército soviético, mune os mujahedins com armas bastante avançadas, como por exemplo a *FIM-92 stinger*<sup>3</sup>, um míssil terra-ar portátil para auxiliar na defesa dos guerreiros islâmicos.

Entretanto, passado tal conflito, com a evacuação da União Soviética colapsada, não fora arquitetado uma reconstrução do então devastado Afeganistão, e por conseguinte os grupos de mujahedins encontravam-se divididos, lutando entre si por poder, e agora altamente equipados com armamentos de ponta. Os mais radicais pretendiam eliminar até mesmo os muçulmanos moderados, e principalmente, retirar todos os ocidentais tidos como infiéis das “terras santas”, e seu principal alvo eram os Estados Unidos, dada a sua representatividade política e ideológica.

Tal fenômeno propicia a transformação dos que detêm a força e a dominação, uma nova ontologia violenta de relação de poder, ou seja, a fragmentação social existente no Afeganistão ocasionou um ganho excepcional de força das camadas de “baixo”. Surgem então

---

<sup>3</sup> <<https://fas.org/man/dod-101/sys/land/stinger.htm>>

novos focos de poder. Diante de todo contexto histórico, dos atos terroristas, observa-se que segundo Wellausen (2002), esta característica de crueldade presente em determinados grupos advém de um passado de hostilidade e sofrimento. Assim segundo Dadoun (1993), uma violência anterior provoca e legitima uma violência posterior, ou seja, estes grupos agem em resposta ao que foram expostos como dominação política, exploração econômica ou opressão social.

Foucault (1979) assinala a ideia da microfísica do poder, que elucida a questão da fragmentação de poder e explica a ação violenta dos grupos terroristas que buscam a retaliação devido à violência prévia que sofreram. Portanto, dentro deste conceito, a violência sofrida servirá de tal forma a legitimar a ação dos de “baixo”.

Por conseguinte, cabe entender o perfil destes novos grupos provenientes da desordem e fragmentação que o Afeganistão se encontrava. À vista disso, cada indivíduo, leia-se mujahedins pós-guerra, tenta buscar a identificação com um grupo, pois, passada a guerra, muitos deles não foram aceitos de volta em suas terras e precisaram buscar refúgio nos países ocidentais, os demais, que conseguiram voltar a seus lares, continuaram com a chama da guerra acesa, e o impulso de expandir seus ideais por todo o mundo. Por isso, que as personalidades de cada indivíduo são moldadas no sentido do coletivo, no abandono dos interesses pessoais, vínculos familiares e afetivos, suas vidas, a partir de então, devem estar destinadas a um único objetivo: a revolução - tomada de poder, acerto de contas e execuções sumárias.

A partir de tais fatos o terrorismo ganha uma nova conotação, torna-se uma ameaça global gerando incertezas e insegurança para o cenário internacional. Remontando a ideia e a necessidade de práticas que busquem a segurança e estabilidade internacional. No entanto, tais práticas encaram dificuldades e padecem de erros estratégicos, tendo em vista que a formação destes grupos não provém de um Estado. “O terrorismo age por amostragem, uma vez que não é preciso destruir “toda” a sociedade para alcançar o fim proposto, basta atingir uma parte, um ponto qualquer para estabelecer o medo, o pânico e o horror” (Wellausen, 2002, p. 93). Sendo assim, estes não possuem limites territoriais, em geral são grupos com seguidores que compartilham da mesma ideologia, espalhados por diversas regiões do globo, disso decorre seu caráter transnacional e conseqüentemente a dificuldade de contenção. Isso gera cada vez mais uma preocupação por parte das entidades nacionais e supranacionais no que tange a segurança coletiva e manutenção da paz.

Essa característica denominada neoterrorismo religioso, é explicada também através da abordagem das quatro ondas de terrorismo moderno<sup>4</sup>, segundo Rapoport (2004), o ciclo analisado é descrito na quarta onda, conhecida como onda religiosa isso porque após a retirada das tropas soviéticas, os muçulmanos encontravam-se em completa cisão e imersos no radicalismo, então o Islamismo apresenta-se como fonte de salvação. A partir disso, formase o grupo que interpreta o alcorão de maneira mais radical, a Irmandade Muçulmana, que servirá de base para a criação da Al-Qaeda.

Por conseguinte, diante deste recorte temporal, entre Guerra do Afeganistão (1979) e Doutrina Bush (2001), pode-se analisar diversos eventos em que a segurança dos povos foi posta em ameaça por grupos terroristas, desde ataques em solo árabe contra bases ocidentais, como embaixadas, por exemplo, até os atentados mais contundentes à regiões ocidentais, como o 11 de setembro. Portanto, de acordo com Wellausen (2002), se há nos terroristas um traço de loucura, não se pode afirmar que todos os paranoicos serão terroristas, mas estes, por sua vez, acreditam numa conspiração global de um inimigo todo poderoso infiel e que precisa ser exterminado. Isto deixa evidente que o objetivo dos islâmicos radicais, em continuar a Jihad contra os infiéis, não fora abandonado, tal compromisso pode ser percebido nos discursos dos grupos terroristas, em especial, no discurso proferido pelo suposto porta-voz da Al-Qaeda, Abu Abd Al-Rahman Al-Najdi: “Nosso maior objetivo é combater os americanos e matá-los em qualquer lugar na Terra e retirá-los da Palestina, Península Árabe e Iraque”<sup>5</sup>. Este grupo esteve em evidência dado seus objetivos de reunir os árabes, no sentido da criação de um califado pan-islâmico no mundo e expulsar todos os ocidentais das “terras santas”. E para concretização de seus objetivos o grupo criou um decreto religioso (fatwa) que previa que os muçulmanos deveriam empenhar-se em matar os norte americanos e seus aliados.

Dentre as características da quarta onda do terrorismo pode-se apontar o seu caráter internacional, atentados suicidas, além do uso das tecnologias para cooptação de membros e expansão dos seus ideais. Desse modo, Rapoport (2004), coloca que um dos principais disseminadores da doutrina islâmica na quarta onda foi Osama bin Laden, e que os alvos deste ciclo eram os Estados Unidos e seus aliados. Além disso, um dos fatores que intensificou os seus ataques foi a possibilidade do uso das tecnologias que aumentam o impacto da

---

<sup>4</sup> RAPOPORT, David. (2004. p.47) A primeira onda teve início na Rússia em 1808, e foi disseminada pela Europa Oriental denominada de Onda Anarquista. Em seguida, emerge a Onda Anticolonial em 1920 e segundo o autor durou cerca de 40 anos. Posteriormente surge a Nova Onda Esquerdista este ciclo perderá suas forças no final do século XX e então em 1979 tem início a Onda Religiosa.

<sup>5</sup> <<https://www.theguardian.com/world/2003/sep/08/alqaida.september11>>

mensagem terrorista gerando maior preocupação entre as nações no sentido de conter os “ensinamentos” de como fazer novos atentados.

A partir de então, a questão de segurança internacional, estabilidade dos Estados e a manutenção da paz entre os povos, ganha proeminência não apenas nas agendas internacionais, mas também, nas agendas internas de cada nação. Nesse segundo aspecto, uma das nações que mais se destaca na busca por estratégias de defesa, vem sendo os Estados Unidos. O aspecto que mais preocupa as nações é em relação à possibilidade dos grupos radicais desenvolverem armas de destruição em massa. Entretanto, segundo Lima (2005), ao analisarmos a sequência dos atos extremistas, pode-se observar que a utilização de tais instrumentos bélicos é bastante inoperante, visto que eles não teriam capacidade de sozinhos operarem tais armas, ou seja, estes muitas das vezes optam por técnicas já conhecidas.

Mas os Estados Unidos não levaram isso em consideração, e pautados nessa hipótese decidiram invadir o Iraque em 2003, em busca dos culpados do atentados de 11 de setembro, e para suspender a criação do arsenal bélico que supostamente o governo iraquiano estaria escondendo. E dessa maneira, através da criação do Ato Patriota<sup>6</sup> em 2001 e do endurecimento das medidas preventivas foi que teve início o período denominado Guerra ao Terror, onde a estratégia americana era de quando sentirem-se ameaçados, não hesitar em agir de forma contundente para evitar novos ataques nas proporções do que havia ocorrido.

## **2.2 Guerra ao Terror**

Dessa forma, como resultado da sequência de atos de terror que atingiram os Estados Unidos - atentados terroristas à embaixadas americanas na África (1998); atentado ao navio americano USS Cole (2000); e, por fim, os atentados de 11 de setembro, inicia-se então uma busca por culpados e uma retaliação. Passados oito meses do primeiro mandato do então presidente Bush, este achava-se na ânsia por encontrar os culpados daqueles terríveis atos, e afastar o sentimento que pairava sobre a população de insegurança.

Nesse sentido, cabe entender quais são os tipos de estratégias gerais que podem ser utilizadas pelas nações contra o terrorismo, bem como observar como ocorreu o empenho dos Estados Unidos nessa luta e quais foram as táticas utilizadas pelo então presidente George W. Bush, as quais marcaram um novo período denominado de Guerra ao Terror. No que se refere às práticas gerais de combate ao terrorismo, segundo Diniz (2002, pp. 15 -17) existem duas

---

<sup>6</sup> <<https://www.govinfo.gov/content/pkg/BILLS-107hr3162enr/pdf/BILLS-107hr3162enr.pdf>>

possibilidades: a neutralização e o desbaratamento. O primeiro pretende antecipar as ações dos terroristas para assim tentar evitar danos catastróficos. Já o segundo, ocorre de forma mais sistemática, através de um capacitado serviço de inteligência<sup>7</sup> identifica-se como se dão as ações, no que tange às questões de logística - equipamento, recrutamento e treinamento de pessoas. Como se dá o financiamento deste grupo, além da identificação das grandes lideranças e quais grupos políticos apoiam e sediam tais grupos. Para, a partir disso, minar e desarticular a estrutura dos grupos terroristas, no intuito de paulatinamente obter êxito na derrubada dos extremistas. Tal sistema, para obter sucesso, necessita do compartilhamento de ideias, ou seja, precisa que os atores internacionais trabalhem em conjunto almejando o mesmo objetivo - eliminar as forças terroristas transnacionais, para restabelecer segurança e estabilidade através da cooperação internacional.

Entretanto, a sociedade norte-americana estava ansiosa por uma resposta rápida e tempestiva ao mal que os havia acometido. Pois, de acordo com a noção moderna de soberania, onde os cidadãos são figuras centrais nos espaços públicos e de decisão, em substituição à figura centralizada de um soberano. Portanto, devido a essa percepção de sociedade civil global, estes possuem um sentimento de comunidade, então dentro do imaginário popular, se parte da sua sociedade foi ferida, todos sentem-se no direito de exigir uma punição e retaliação. Tal fato pode ser evidenciado no crescimento dos dados que mostravam que quase 90% da população apoiavam retaliação imediata, inclusive colocando-se disponíveis à convocação militar.

Por isso, o presidente George W. Bush decidiu traçar suas próprias regras antiterror, as quais foram expostas no documento “A estratégia de segurança nacional dos Estados Unidos” (National Security Strategy of the United States - NSS), as ações do então presidente foram uma resposta rigorosa aos violentos ataques em Nova Iorque e Washington. Sua forma de agir pretendia deter futuros ataques de maiores proporções, inclusive temendo a utilização de armas de destruição em massa, para isso, ele encabeçou a Guerra ao Terror. Esta tinha como princípio a utilização do poderio militar, econômico e estratégico dos Estados Unidos para aniquilar todos os grupos terroristas.

Com o intuito de atender a tais necessidades foram adotadas medidas internas e externas mais contundentes, que foram normatizadas através do Ato Patriota em 26 de outubro de 2001, que fora aceito pelo Congresso com um alto nível de aprovação dado ao

---

<sup>7</sup> PANIAGO, Paulo. (2007, p.27) “O serviço de inteligência está voltado para a aquisição de capacidade para antecipar ameaças terroristas. Através de estudos contínuos de organizações terroristas, implementação de banco de dados, formação de uma rede de informantes, contrapropaganda, desinformação no intuito de confundir as demais organizações, detenção de pessoas entre outras táticas.”

contexto de guerra que ameaçava o país. Dentro do país ocorreram diversas mudanças como: o julgamento de suspeitos por tribunais militares; foi permitida a escuta telefônica e maior vigilância dos meios de comunicação via internet, podendo ocorrer apreensões com base em provas sigilosas através da ampliação dos poderes da polícia; maior atuação do serviço de espionagem, e, por fim, a possibilidade da criação de tribunais ad hoc. E a fim de que estas medidas transbordassem para o cenário internacional e conseqüentemente para os demais países, os Estados Unidos moldam a sua política externa no sentido de legitimar quaisquer ações em favor de um objetivo maior - segurança internacional e manutenção da paz.

Em virtude disso, e no ímpeto de atingir seus objetivos, o governo americano exorta todas as nações a participarem juntos dessa luta. A intenção de utilizar a cooperação internacional no combate ao terrorismo transnacional seria a mais viável. Especialmente segundo Boaz Ganor (2003), que acredita no combate ao terrorismo através da cooperação internacional com foco nos seguintes aspectos: Inteligência (interceptação); Economia (bloqueio e embargos); Política (objetivos traçados coordenadamente); Ofensiva contra-terrorista (criação de unidades internacionais que ajudem os Estados a se defenderem de ataques violentos) e Tecnológica (desenvolvimento e aprimoramento do aparato ofensivo e defensivo).

Nesse sentido, os Estados Unidos demonstram-se dispostos a ajudar inclusive as nações mais pobres, com suporte financeiro para que estes possam se desenvolver e atingir a plena democracia, e deixarem de ser áreas acessíveis ao abrigo de grupos terroristas. Entretanto, ao passo que os Estados Unidos convocaram outras nações a participarem juntos na luta pela proteção da segurança internacional, eles também não hesitaram em agir unilateralmente, quando necessário. A partir disso, observa-se que em determinadas circunstâncias os Estados Unidos abandonam as práticas multilaterais, para agir unilateralmente e destruir qualquer ameaça que coloque em xeque a segurança da sua nação, mesmo que isso represente uma ruptura na comunidade internacional, como foi o caso do não cumprimento às decisões do Conselho de Segurança da ONU no que tange invadir o Iraque, provando um desrespeito às deliberações multilaterais.

### **2.3 Dicotomia: Multilateralismo x Unilateralismo**

Devido à mudança proporcionada pelo fenômeno transnacional do terrorismo, diversos Estados tiveram que incluir esta temática em suas agendas de política externa. No que tange os Estados Unidos, estes, no intuito de manter sua hegemonia global voltam sua política

externa às questões de segurança. Para isso, enfrentam uma dicotomia entre continuar agindo multilateralmente, e enfrentar as vulnerabilidades deste sistema, ou voltar-se à medidas unilaterais com Estados que estejam longe da hostilidade do terror.

Diante de tais transformações surgem, inevitavelmente, dúvidas acerca das implicações do 11 de setembro sobre as teorias das relações internacionais, se este evento representará uma possível mudança de foco. De acordo com Barry Buzan (2002, p. 246) os neo-realistas acreditam que: “O 11 de setembro pode ser interpretado como uma consequência da unipolaridade (frustrações da periferia em relação ao poderio norte americano e a falta de um elemento de equilíbrio entre os dois)”. Os impactos do 11 de setembro para as relações internacionais, sob a ótica neo-realista, podem ser analisados através do prisma de um “degelo” das tensões entre Estados Unidos de um lado e Rússia e China de outro. Mas também, este evento pode representar uma redução na preservação dos direitos civis, pois, para garantir a manutenção da paz e afastar a insegurança que conduzia o imaginário popular, houve um aumento da legitimidade de certas ações dos de “cima” para supressão do terrorismo.

A inclinação ao unilateralismo mostra-se inevitável após os recentes acontecimentos, a fim de elucidar esta transformação na condução das relações internacionais, analisa-se a perspectiva de Bernal-Meza (2005), que estabelece três princípios da nova política externa de George Bush Jr. - O primeiro se refere ao fim do direito de neutralidade, ou seja, todas as nações “obrigatoriamente” deveriam expressar solidariedade à luta dos Estados Unidos, e as nações que não o fizessem seriam denominadas de inimigas. O segundo tem relação com a legitimação do ataque preventivo, entretanto, o estímulo para que tais ataques ocorressem deveriam estar pautados em ameaças reais ou inventadas. Como fora no caso da Guerra ao Iraque em 2003. O último pilar da política externa americana é o direito da utilização de todo tipo de arma, inclusive as não convencionais como biológicas, químicas e atômicas.

Acrescido a isto, evidencia-se que os Estados Unidos não conseguiram convencer a comunidade internacional da suposta ameaça do Iraque possuir armas químicas, e devido a isto não obteve o aval da ONU na invasão de 2003, como obteve durante a passada em 1990, - Guerra do Golfo - para a concretização do embargo econômico, que ocorreu mesmo com a vitória dos EUA sobre o Iraque quando este optou por invadir o Kuwait devido à questões petrolíferas. Entretanto, a ONU não apoiou novamente os Estados Unidos, visto que o embargo econômico devastou o Iraque, no sentido de suprimentos de alimentos e remédios, alavancou os índices de mortalidade infantil e ainda não serviu a seu objetivo inicial, - derrubar Saddam - pelo contrário, fez com que este se tornasse ainda mais forte, pois naquele

momento ele era o único que poderia prover suprimentos ao povo, gerando maior dependência dos iraquianos ao governo.

Nesse sentido, reiterando a importância da cooperação para iniciar uma invasão de tamanha proporção, ressalta-se que o secretário de Estado Colin Powell, lembrou Bush que era preciso formar uma coalizão, e principalmente obter apoio da ONU, visto que esta poderia tentar, primeiramente, resolver os conflitos de maneira mais harmônica e diplomática. E então, como última instância, apoiar a invasão. Entretanto, o empenho de Bush em difundir o medo, e exagerar a ameaça do Iraque, não convenceu a comunidade internacional, que via no Afeganistão um alvo mais provável.

Diante desta falta de apoio da comunidade internacional, Bush entende ser inviável a manutenção de ações e agendas multilaterais. E então, em seu discurso na 57ª Assembleia Geral das Nações Unidas, ele reafirma o compromisso dos Estados Unidos com a dignidade humana e que eles estão dispostos a ajudar as demais nações no que for necessário para erradicação da pobreza e miséria. E, com isso, relembra que no Oriente Médio só poderá haver paz se esta for precedida de liberdade e de governantes que estejam dispostos a ouvir seus civis e que cumpram o que fora pactuado em âmbito internacional. Porém, Bush relembra que após a invasão do Kuwait, o Conselho de Segurança, através da Resolução 688<sup>8</sup>, havia definido que o Iraque deveria imediatamente suspender a repressão sistemática ao seu povo, mas o ditador não cumpriu. Com isso, Bush, mais uma vez, através do seu discurso faz alusão que Saddam não é um líder confiável, e que é necessário agir. E para concluir, exorta o Conselho de Segurança a agir, pois este fora criado para que as deliberações fossem mais do que meras palavras.

Com isso, observa-se que o presidente Bush, através dos seus discursos, antes de invadir o Iraque utilizou de artifícios para convencer sua população que aquela região era a mais provável de estar abrigando os culpados pelos ataques aos Estados Unidos e também que naquela localidade havia uma grande possibilidade de estar sendo desenvolvida armas de destruição em massa. Dessa forma, segundo Mearsheimer (2012 p.71), “Líderes engajados na difusão do medo podem operar para criar na mente da população uma ameaça quase inexistente, [...] que não esteja causando grande alarme fora dos círculos governamentais.” Ou seja, para chamar atenção da população à esta ameaça, o presidente fez uso da estratégia de difusão do medo para obter apoio.

---

<sup>8</sup> <<http://unscr.com/en/resolutions/doc/688>>

## 2.4 Difusão do medo

Os discursos do presidente George Bush, são marcados por diversos elementos nacionalistas, de exageros em relação a ameaça terrorista, e que permitiam certos tipos de suposições e silogismos. Tal fato pode ser evidenciado através de dois momentos: primeiro, de acordo com Pecequilo (2011), foi que após os ataques de 11 de setembro, houve um aumento vertiginoso do número de cidadãos americanos dispostos a voltar ao exército, voluntários se apresentando ao governo como demonstração de que estavam obstinados à retaliação. O segundo aspecto que vale ser lembrado, é que o Ato Patriota foi aprovado pelo Congresso Americano de forma quase unânime.

A partir disso observa-se que Bush se empenhou em difundir uma ameaça (real ou inventada) para causar grande comoção popular, para que seus cidadãos o apoiassem, em um primeiro momento, pois estariam atormentadas pelo horror e preocupação de que atos tão violentos não se repetissem.

A prática da difusão do medo<sup>9</sup>, que é feita por parte dos governantes para sua população, tem o objetivo de alertá-los de um perigo iminente e buscar apoio quando for necessário que ocorram aumentos do gasto público para defesa, ou quando forem iniciar projetos de bases de contenção e até para angariar mais alistamento no serviço militar de forma espontânea, sem necessidade de convocação.

Ademais de acordo com Mearsheimer (2012), este mecanismo, não é apenas destinado à grande massa, mas também às elites mais educadas, inclusive pode ser arquitetada para influenciar o corpo burocrático do governo a compreender a ameaça da mesma forma que o seu governante a encara. Esta hipótese pode ser evidenciada na votação para implementação do Ato Patriota onde, por 89 votos a favor e apenas 10 contra, o Senado dos Estados Unidos aprovou esta medida, não levando nem em consideração que em seu momento inicial esta previa se estabelecer em caráter permanente. Isso porque, os burocratas encontravam-se em tamanho estado de alerta, dada a difusão do medo, que aprovaram tal lei sem maiores reivindicações.

Diante desses fatos, pode-se observar que o governo Bush empenhou-se em uma campanha de difusão do medo antes de invadir o Iraque em 2003, pois eles acreditavam veementemente que Saddam Hussein possuía uma forte ligação com Osama bin Laden. A

---

<sup>9</sup>MEARSHEIMER, John. (2012 pp. 40-41). “Ocorre quando um líder mente para seu próprio povo a respeito de uma ameaça de política externa que ele acredita que os cidadãos não reconhecem ou não avaliam em sua correta extensão. O objetivo é motivar o público a levar essa ameaça a sério e a fazer sacrifícios necessários para combatê-la.”

desconfiança do governo americano em relação ao Iraque tem raízes na Guerra do Golfo em 1990, pois quando este invadiu o Kuwait por desentendimentos em relação ao preço do petróleo, teve que arcar com a consequência de perder um aliado - os EUA.

Dessa maneira, o presidente Bush, e todo o seu corpo político - vice-presidente; secretário de defesa e de Estado - empregaram nos seus discursos instrumentos que insinuavam, e muitas vezes afirmavam, que havia uma ligação entre o presidente iraquiano e o líder da Al- Qaeda. Além da utilização dos discursos como tática de manobra popular, eles divulgavam as ações do inimigo de forma bastante persuasiva. “We now know that Saddam has resumed his efforts to acquire nuclear weapons. Many of us are convinced that Saddam will acquire nuclear weapons fairly soon.”<sup>10</sup> Observa-se que ele aproveitou o momento que o Iraque havia comprado tubos de alumínio para associar tal aquisição a armamentos atômicos.

Este não foi o único discurso que fora manipulado, diversos outros já afirmavam que o Iraque estava desenvolvendo armas de destruição em massa, antes mesmo dos inspetores da ONU iniciarem as buscas. O próprio secretário de Estado Colin Powell, antes da guerra, afirmou que havia uma “ligação sinistra entre o Iraque e a rede terrorista Al-Qaeda” (Mearsheimer 2012, p. 76). Entretanto, passada a invasão ele precisou admitir que não havia nenhuma ligação concreta, mas no momento anterior acreditava ser prudente afirmar aquilo.

E no intuito de reforçar a ameaça que seu corpo político já estava disseminando, o presidente Bush, em 17 de março de 2003, afirmou que “Informações recolhidas por este e outros governos não deixam dúvidas de que o regime iraquiano continua a possuir e esconder algumas das armas mais letais já concebidas.” (Mearsheimer 2012, p. 78). E então, passados três dias, os EUA com o apoio das tropas britânicas, italianas, espanholas e australianas, iniciaram a guerra do Iraque com um bombardeio bastante violento.

Nesse sentido, observa-se que o presidente Bush não afirmou com veemência a ligação entre o Governo iraquiano e os atentados de 11 de setembro, isso porque, no final do ano de 2002, o general Tommy Franks e Rumsfeld haviam se reunido com o chefe do executivo para informá-lo que não haviam encontrado armas de destruição em massa nas buscas. Entretanto, o discurso truncado de Bush tinha o objetivo de levar a opinião pública a supor por eles próprios que Saddam tinha relação com os atentados. Este mecanismo pode ser explicado através da teoria de Foucault, o qual acredita que as táticas são os discurso no âmbito do

---

<sup>10</sup>CHENEY, Richard. (2002, tradução livre). “Sabemos, que ele [Saddam] está reunindo seus esforços para adquirir armas de destruição em massa. Estamos convencidos que Saddam irá adquirir armas de destruição em massa muito em breve.” Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2002/08/26/international/middleeast/full-text-in-cheneys-words.html>>. Acesso em: 18 jul. 2018

saber, e as estratégias são as ações praticadas pelos homens em diversas relações de poder. Ou seja, através dos discursos o governo estimulava o medo na população, para evitar que estes esquecessem os efeitos dos ataques. Para isso que serve a difusão do medo, pois os governantes acreditam que a única maneira de mobilizar a população é mentindo para ela, ou seja, a mentira como um mal necessário.

E por causa desta tática pode-se observar que as pesquisas de opinião mostravam que “Nearing the second anniversary of the Sept. 11, 2001, terrorist attacks, seven in 10 Americans continue to believe that Iraq's Saddam Hussein had a role in the attacks, even though the Bush administration and congressional investigators say they have no evidence of this.”<sup>11</sup>

Esse tipo de comportamento é enfatizado pelo psiquiatra Jim McDermott, então membro do Congresso americano, que afirma que o medo funciona sim, pois foi criada uma aura de constante ameaça à qual manipula o povo a pensar que estão sempre em constante risco. “É como treinar um cachorro, se você disser ao mesmo tempo ‘sente’ e ‘role’ ele não saberá como agir.”

Assim, segundo Leite (2013), os Estados Unidos estavam preocupados em construir um discurso de uma “nova era” marcada pela expansão dos ideais democráticos, por isso nos seus discursos Bush enaltece as características do povo americano em contraposição aos terroristas.

Portanto, esse maniqueísmo esteve presente nos discursos de Bush, para enfatizar que, sua nação era a que se preocupava em garantir a segurança da comunidade internacional através da propagação dos ideais democráticos, e que os terroristas representavam toda a maldade existente. De acordo com Flint e Falah (2004), os valores de justiça, liberdade e dignidade guiavam a nova estratégia norte-americana. E no intuito de dramatizar ainda mais seus discursos cunha o termo “Eixo do Mal” para designar Estados que poderiam estar hospedando ou patrocinando alguma forma de terrorismo e armas de destruição em massa.

Diante da perspectiva, de construção de narrativa através dos discursos, torna-se de extrema relevância observar as nuances e a subjetividade no comportamento do presidente George W. Bush, a fim de buscar compreender até que ponto seu perfil cognitivo, suas crenças e motivações influenciaram na condução de suas ações bélicas.

---

<sup>11</sup>MILBANK e DEANE (2003, tradução livre.) “Próximo ao segundo aniversário do atentado terrorista de 11 de setembro 2001, sete a cada dez americanos continuam acreditando que Saddam Hussein teve uma participação nos atentados, mesmo após o governo Bush e as investigações do Congresso dizerem o contrário” Disponível em: <[https://www.washingtonpost.com/archive/politics/2003/09/06/hussein-link-to-911-lingers-in-many-minds/7cd31079-21d1-42cf-8651-b67e93350fde/?noredirect=on&utm\\_term=.ac793b0d70c2](https://www.washingtonpost.com/archive/politics/2003/09/06/hussein-link-to-911-lingers-in-many-minds/7cd31079-21d1-42cf-8651-b67e93350fde/?noredirect=on&utm_term=.ac793b0d70c2)>. Acesso em 18 jul. 2018.

### 3 CAPÍTULO II

#### 3.1 Abordagem cognitiva do perfil do líder político

Alguns traços comportamentais podem ser identificados ao analisar a condução de um mandato de um governante, tanto nas questões internas como na maneira como este vai conduzir a sua política externa. Nesse sentido, é válido buscar quais parâmetros são definidos ao analisar o comportamento de um líder, bem como quais são os resultados esperados de acordo com cada personalidade.

Este estudo possui embasamento na ramificação da ciência política moderna, que através do *comportamentismo*<sup>12</sup>, busca analisar a política através do estudo e da observação do homem como ator político e além de entender suas ações, busca avaliar também suas motivações, atitudes, expectativas e tendências.

Dada à percepção de que as questões subjetivas dos tomadores de decisão são importantes para a compreensão dos eventos, e que de acordo com Snyder, Bruck e Sapin (1954), o estudo da política externa deve ser conduzido através da análise das variáveis cognitivas, gerando então um novo enfoque da análise de política externa, pautada em três correntes clássicas: política burocrática/ groupthink, política externa comparada e por fim, a psicologia dos líderes políticos, que será alvo de estudo deste trabalho.

#### 3.2 Racionalidade e Irracionalidade na política internacional

De acordo com Mercer (2005), os modelos de racionalidade e irracionalidade não devem ser entendidos separadamente, para tanto, utiliza o conceito de racionalidade de Elster (1989), que entende a racionalidade como melhor caminho para alcançar um fim. Apesar disso, as teorias racionalistas são fundamentalmente normativas, no que tange a explicação do porquê, certas decisões são tomadas. Nesse sentido, faz-se necessário a busca por compreender a importância do enlace entre racionalidade e irracionalidade para que a explicação de certos eventos ocorra através de bases positivistas.

Esta necessidade de combinar tais posturas no campo da psicologia cognitivo-comportamental se dá porque o aspecto racionalista compreende os fenômenos através de um rigor puramente lógico, enquanto a perspectiva positivista possui um forte compromisso com

---

<sup>12</sup> BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO. Dicionário de Política. 13. Ed. Brasília: UNB, 2010, p. 186.

a experiência, ou seja, na busca de explicar determinados eventos empiricamente. Portanto, a diferença principal entre essas correntes não está no fenômeno estudado, e sim na forma como este é estudado.

Nesse sentido, os behavioristas não estão diretamente atrelados às tendências racionais, mas possuem o que pode-se encarar como um traço em comum, pois desejam que ocorra uma substituição da *folk psychology*<sup>13</sup> pela ciência, ou seja, uma teoria que busque entender a ação do homem, tendo em vista que a primeira padece de certos problemas, sendo insuficiente pois não permite ser falsificada, sendo meramente intuitiva e baseada no senso comum. Assim, segundo Mandler e Kessen (1959), essa abordagem da psicologia do senso comum, pode enfrentar três obstáculos principais: uma tendência à rejeição; apresentar vagueza ou imprecisão, e também pode ser ambígua e polissêmica.

Ademais, outra questão que pode ser considerada um entrave da utilização da análise cognitiva para compreensão da política externa, são os filtros que compõem o quadro cognitivo do tomador de decisão. De acordo com Jervis (1976), pode ocorrer uma influência das percepções e falsas percepções sobre as preferências políticas. Sua preocupação concentra-se no que ele denomina de “fechamento cognitivo”, ou seja, quando o líder não percebe a influência de suas questões pessoais na condução de políticas públicas. Nesse sentido reitera-se Jervis (1976),

Se um decisor pensa que um evento indica inferências evidentes e sem ambiguidades, quando na verdade essas inferências são resultados de sua perspectiva prévia, ele se tornará confiante em excesso e excluirá alternativas prematuramente, acreditando que o evento contém suporte independente de suas crenças. (Jervis, 1976, p. 181.)

Portanto, observa-se que certos traços subjetivos exercem influência na percepção dos líderes políticos. Assim, diante desse novo paradigma, de compreender os mais diversos fenômenos, através da análise do comportamento individual, torna-se imprescindível analisar como são moldadas as personalidades dos líderes de governos e como as suas preferências exercem influência na política externa.

---

<sup>13</sup> Não há um consenso acerca do conceito da psicologia do senso comum, mas segundo Von Eckardt (1997, p. 300) esta deve conter no mínimo: um conjunto de práticas atributivas, explicativas e preditivas; e um conjunto de noções ou conceitos utilizados nessas práticas.

### 3.3 Construção simbólica do líder e sua personalidade

De acordo com Barber (1985), o presidente é uma construção simbólica de um líder, onde as pessoas creditam nele suas esperanças e medos, na expectativa que este conduza a nação da melhor forma. Os eleitores ao darem esse voto de confiança ao presidente fazem uma predição do que acreditam ser melhor para o futuro.

Entretanto, muitas vezes não é levado em consideração que este líder é um indivíduo pensante que possui uma vida a parte, com suas próprias crenças, caráter e visões de mundo. E segundo Barber (1985), é inevitável que o presidente carregue consigo suas questões morais, sentimentais e até suas convicções religiosas, traços estes que podem chegar a distorcer sua forma de governo.

Assim, no intuito de compreender o potencial das características comportamentais dos presidentes, suas visões de mundo e quais os padrões que determinados comportamentos podem ocasionar, Barber (1985) argumenta que existe um padrão bastante notório nos presidentes, o que ele denomina de estilo, ou seja, a forma como rotineiramente o presidente se comporta em três aspectos: retoricamente, nas relações pessoais e nas suas atividades. Em outras palavras, como ele executa as tarefas que lhe competem, por exemplo, se ele comunica-se com a sua população diretamente ou através da mídia e se ele lida pessoalmente com os outros políticos ou através de representantes. Assim, através de um balanço entre esses três elementos, e entendendo que os indivíduos desenvolvem uma percepção de mundo, através de associação de ideias, que geram um rol de motivações, crenças e hábitos próprios e que trabalham em prol da garantia da sua autoestima e manutenção no poder. Pode-se inferir quais são as tendências do presidente e a forma como este irá conduzir suas agendas de política nacional e externa.

Para a construção de tal balanço empírico, Barber (1985) propõe um esquema, onde elenca os líderes baseado no grau de o quanto estes estão envolvidos em políticas públicas e o quão satisfeitos estão com a sua produtividade. O primeiro grupo é o de líderes *ativo-positivo*, ou seja, aqueles que dedicam-se plenamente em atividades e estão completamente satisfeitos com o seu sucesso e como se relacionam com as outras nações. Já o *ativo-negativo*, encara sua atividade de forma consistente, porém está insatisfeito com seus esforços. Geralmente estes possuem tendências a comportamentos mais agressivos, pois têm dificuldade em lidar com suas questões. O *passivo-positivo* tende a agir de forma cooperativa no cenário internacional, e possui fortes traços na busca por filiações, pois acredita na reciprocidade de ações, a contradição que este enfrenta é em relação ao seu grau de satisfação, já que possui

tendência a certo otimismo superficial, uma vez que está sempre buscando não desapontar os demais governantes. Por fim, o *passivo-negativo*, faz pouco pela sua nação e encontra-se completamente insatisfeito com seu cargo, apenas está em tal posição, pois acredita que ele foi predestinado a estar em tal função. Este tende a evitar conflitos, e suas propostas possuem vagueza conceitual.

Como foi observado anteriormente, com a emergência do estudo behaviorista, surge a necessidade de compreender a ação do homem nos mais diversos cenários. Nesse sentido, será que as características pessoais de cada indivíduo impactam na forma como este conduz seu governo e sua política externa? A fim de esclarecer tal questionamento, é imprescindível analisar as contribuições de Hermann (1980), que através de uma esquematização conceitual, elenca como as características pessoais, influenciam na tomada de decisão, de acordo com cada personalidade, podendo esta tender a um estilo mais agressivo ou em contrapartida, mais conciliatório.

As características analisadas são: crenças, motivações, estilo de decisão e estilo interpessoal. A primeira refere-se às suposições do líder sobre o mundo, e pode gerar dois traços principais, o nacionalismo e a crença na capacidade de controlar eventos. Este último, ocorre quando um líder possui tanta confiança sobre si mesmo que acredita ser capaz de influenciar a opinião pública e até órgãos supranacionais. Como por exemplo, quando Bush empenha-se na campanha de difusão do medo de acordo com Mearsheimer (2012), por acreditar que a população não está habilitada a enxergar o perigo iminente que ele supõe que o Iraque representa.

No que concerne às motivações, estas afetam a interpretação política do líder sobre o ambiente e quais estratégias serão empregadas. Segundo este campo de análise, as motivações podem advir de uma necessidade por filiações e aprovação no cenário internacional, que respeitem as diversas perspectivas das nações, ou pode estar relacionada com a uma necessidade de poder, e manutenção do *status quo*. Estes aspectos impactam no método de tomada de decisão, onde o primeiro tenderá a possuir maior abertura a novas ideias, a agendas cooperativistas, além de possuir uma maior complexidade conceitual, ou seja, consegue ser mais flexível e levar em consideração diversas informações antes de optar por determinado caminho. Já o segundo, não hesita em agir em prol do *establishment*, mesmo que surjam opiniões divergentes, pois suas ações são traçadas de forma praticamente binária, onde, ou se é aliado ou inimigo. Por sua vez, este tende a possuir baixos níveis de complexidade conceitual, e segundo Hermann (1980), baixos índices neste aspecto influencia no quão agressiva será planejada a política externa de um dado governante.

Por fim, o traço de estilo interpessoal explica a forma como um *policy maker* irá lidar com os demais. De acordo com Hermann (1980), podem ser evidenciados dois comportamentos, desconfiança nos demais atores que pode ocasionar paranoia, onde o líder é extremamente desconfiado dos demais atores políticos que compõem o sistema internacional, e por isso tendem a traçar acordos bilaterais com nações que compartilhem das mesmas crenças e interesses, no intuito de reduzir o risco de comportamentos que vão na contramão de seus ideais. Este tipo de interpretação do mundo e dos atores políticos pode levar a um segundo tipo de comportamento, o maquiavelismo, ou seja, um comportamento manipulador, preocupado com manutenção da soberania nacional. O outro comportamento relacionado ao estilo interpessoal é a questão da complexidade conceitual, que refere-se a como o líder descreve outros atores, baixos níveis de complexidade conceitual são evidenciados em discursos maniqueístas.

Portanto, observa-se que as características subjetivas possuem um papel de extrema relevância na forma como moldam um governo. Entretanto, essa relação pode ocasionar desgastes à composição política de cada nação, principalmente em decorrência das sucessivas mudanças de governo em Estados democráticos, onde sucessores podem comportar-se de forma totalmente opostas aos seus predecessores, envolvendo sua nação em constante preocupação e vigilância. Com isso, cabe analisar a burocracia, como aspecto minimizador dos impactos das preferências de cada líder. Sendo desta forma um mecanismo de ajuste entre as trocas de líderes, que possibilita um *accountability*<sup>14</sup> entre o governantes e os governados.

De acordo com Herman (1980), há um traço comportamental que pode ser associado com a questão de limites da influência das preferências pessoais na condução da política externa que é o compromisso, este gera um encolhimento da capacidade de um governante ser plenamente independente e reduz as margens de manobra dos líderes, fazendo com que estes não estejam completamente no comando de uma nação.

Para os governantes que possuem posturas mais independentes, esse aspecto apresenta-se como uma dificuldade visto que seu perfil está voltado à necessidade de poder e manter as nações isoladas para que não ocorra uma redução do poder nacional. Já os líderes com tendências participativas, acreditam que ao empenharem os recursos de sua nação em benefício das demais nações, irão expandir seus recursos, ou seja, a cooperação maximiza os ganhos. Este comportamento é analisado pelos neoliberais, os quais enfatizam que a cooperação leva a melhores resultados, principalmente através do estabelecimento de

---

<sup>14</sup> Gray e Jenkins *apud* Kluvers (2003, p. 58): “Accountability é uma obrigação de se apresentar uma explicação e responder pela execução dos recursos para aqueles que confiaram esses recursos.”

instituições que irão possibilitar um aumento no fluxo de informações, controle do cumprimento dos compromissos e reduzem as incertezas do futuro. Como é o caso de uma das possibilidades do Dilema do Prisioneiro<sup>15</sup>, onde, se estes pudessem se comunicar durante o interrogatório iriam preferir cooperar entre si, do que com o promotor. Da mesma forma, funciona o comportamento dos líderes, os que possuem maior tendência a desconfiar da ação dos demais irão traçar políticas externas mais independentes, enquanto os líderes conciliatórios buscarão a cooperação internacional.

### **3.4 Relação entre as características pessoais e a condução da política externa**

Diante das categorias esquematizadas acerca da capacidade cognitiva e do perfil de cada líder, cabe analisar como estes se posicionam em relação ao interesse pela política externa. Se o ímpeto em empenhar-se em determinada ação se daria em decorrência de uma “paixão” ou simplesmente uma reação forçada dada as circunstâncias.

De acordo com Hermann (1980), estas características pessoais geram uma ramificação entre orientação a mudança, que significa a maneira como o líder se porta publicamente, em termos de mudança no cenário internacional. Esta questão pode ser percebida através do percentual de metas e de tempo que o líder dedica a eventos de política externa durante seu mandato. Hermann (1980) observa duas possibilidades - Se as metas tendem a negligenciar tais temas, este líder demonstrará que está pouco ou nada propenso à mudança do cenário internacional, optando pela manutenção do *status quo*. Na segunda abordagem evidencia-se metas mais presentes, onde os líderes demonstram maior necessidade de mudança.

Nesse sentido, pode-se inferir que o líder denominado agressivo, tende a tomar uma postura mais independente, pois, para ele seu governo possui ganhos e avanços que não devem ser colocados em risco, segundo ele a mudança equivale a um anátema. Em contrapartida, o líder conciliatório possui uma maior afinidade com possibilidade de mudanças, podendo tornar-se expressão da luta por mudanças e ruptura do *establishment*. Para tanto, este tende a tornar pública suas medidas e decisões, podendo inclusive solicitar apoio internacional para transformações da arena política internacional.

Por fim, Hermann (1980) preocupa-se em entender como outras nações respondem a um determinado comportamento de política externa de um determinado país. Os líderes que

---

<sup>15</sup> MINGST, Karen. (2014, p. 70), “Jogo teórico no qual participantes racionais (Estados ou indivíduos) escolhem opções que levam a resultados (vantagens) tais que todos saem pior do que sairiam sob um conjunto diferente de escolhas.”

possuem tendências mais agressivas, geralmente traçam sua política externa de maneira mais intensa, e não possuem grandes preocupações em desenvolver relações amistosas com os demais, por estas razões é mais provável que ocorra uma rejeição de suas ações no âmbito internacional. Entretanto, como este possui laços bastante ínfimos com as demais nações, certamente esse feedback negativo terá pouca repercussão em seu governo. O contrário ocorre com os líderes conciliatórios, pois estes possuem graus muito mais elevados de laços com a sociedade internacional, visto que traçou seu governo pautado em metas e agendas multilaterais, recebendo, portanto um feedback mais positivo.

**Quadro 1 - Esquematização do perfil do líder**

Pontos de análise	Características pessoais	Conceito	Traço de liderança
Crenças	Nacionalismo	Visão de mundo que acredita que uma nação está no centro	Agressivo
	Habilidade de controlar eventos	Percepção do líder que acredita ser capaz de influenciar as demais nações	Agressivo
Motivações	Necessidade de poder	Restauração do poder e manutenção do status quo	Agressivo
	Necessidade de conciliação	Busca de aprovação no cenário internacional e cooperação	Conciliatório
Estilo Interpessoal	Complexidade conceitual	Capacidade de discernir diferentes ambientes, atores políticos, ideias e situações	Alta - Conciliatório Baixa - Agressivo
	Desconfiança nos demais	Inclinação a dúvida e a suspeitar das motivações e ações dos demais atores políticos	Agressivo

Fonte: Elaborada pela autora.

No intuito de compreender quais são os atores políticos que compõem a unidade de decisão de política externa, Hermann (1989) acredita que ao buscar entender como as decisões de política externa são traçadas, obtém-se também informações acerca das estratégias e intenções dos governantes. Esta unidade de decisão tem o objetivo de resolver as questões de governo, podendo gerar resultados ou não. Estas unidades geralmente são compostas por um indivíduo ou um grupo dependendo do grau do problema a ser resolvido.

Segundo Hermann (1989), as decisões passam por um grupo de última instância, que pode ser classificada em três tipos: *líder predominante* - um único indivíduo possui o poder de tomada de decisão. *Grupo* - Um conjunto de indivíduos que compõem o governo tem o papel

de decidir. E a *coalizão de atores anônimos*, estes podem ser membros do governo, mas sozinhos não conseguem ter o poder de decisão, precisam formar esta coalizão. Estas unidades de decisão podem variar de acordo com o estilo de governo de cada nação, os Estados Unidos, de acordo com Hermann (1989), em certos casos age de forma espontânea em resposta a algum evento específico, caracterizando o primeiro estilo de decisão.

O traço de líder predominante, na condução da política externa, tem forte relação com o quão sensível este encontra-se à questões que envolvem seu entorno e a opinião pública, quanto menos influenciados por estes aspectos, mais estes traçam suas políticas de forma autônoma e independente. Ademais, segundo Hermann (1989), este tipo de comportamento, busca apoio ao passo que tendem a escolher membros para compor o seu governo que possuem características semelhantes às suas, por exemplo, indivíduos que enxergam problemas e ameaças da mesma forma que seu líder.

Pautado nesses três tipos de unidades de decisão, Hermann (2001), elabora um quadro de questões com o objetivo de analisar quais são os fatores propulsores de uma ação de política externa e quais são seus resultados. Quando um líder inicia sua gestão este delimita quais são suas agendas de governo e de política externa, entretanto, com o decorrer do tempo este pode enfrentar problemas que demandam uma modificação nos seus planos iniciais. Porém, o conceito de problema pode variar de acordo com as percepções do governante, por ser uma questão subjetiva, está condicionada às preferências e personalidade dos líderes, pois um determinado evento pode ser visto como uma grande ameaça à um governo, e pode ser encarado como um simples acontecimento por outro.

Dessa forma, observa-se que a unidade de decisão varia de acordo com o problema que a nação está enfrentando, se é de cunho econômico, militar ou diplomático. Além disso, outro aspecto que exerce influência são as preferências do líder. A personalidade de um indivíduo é um dos pilares fundamentais para compreender como este governa seu povo e como empenha seus esforços de política externa.

Assim, faz-se pertinente observar as contribuições da infância para formação da personalidade e atributos da vida adulta. A teoria da ordem do nascimento demonstra que alguns traços tendem a ser mais marcantes de acordo com a idade do filho, isso porque os filhos mais velhos terão experiências que os filhos nascidos posteriormente não poderão ter. Dentro dessa perspectiva, Hudson (1990), dedica-se em explicar o efeito da ordem do nascimento sobre os líderes mundiais, através da utilização do esquema de características pessoais proposto por Hermann (1980).

Portanto, objeto de estudo da psicologia cognitivo-comportamental segundo Bahls e Navolar (2004), é o processamento de informações, ou seja o ato de atribuir significado a algo. Assim de acordo com tal abordagem, a família funciona como um microcosmo da sociedade, ou seja, é em proporção reduzida o ambiente onde os indivíduos aprenderão a lidar com as frustrações, rebeldias, castigos, uso da força e estratégias para alcançar determinado objetivo. Esses traços é que vão moldar a personalidade do indivíduo adulto, e o governo daqueles que chegam a cargos de liderança.

De acordo com alguns autores como (Stewart, 1977; Rejai e Phillips, 1983; Galton, 1874), os filhos mais velhos e do meio estão mais propensos a atingir cargos de liderança, do que os filhos mais novos ou filhos únicos. Isso porque, de acordo com a teoria de ordem do nascimento, os últimos a nascer não são inseridos de forma natural ao grupo e para os filhos únicos cargos de liderança tendem a ser uma posição um pouco desconfortável, visto que estes não obtiveram chances de ter experiências de liderança na família.

No que tange ao estilo de poder, Hudson (1990) explica que aqueles que possuem irmãos mais velhos tendem a utilizar estratégias e técnicas mais persuasivas para atingir seus objetivos, uma vez que os filhos mais velhos possuem maiores vantagens em relação a força e inteligência para conseguirem o que querem. Estas características quando transpostas à perfis de liderança explicitam que provavelmente os filhos mais velhos serão mais autoritários, e tendem a apresentar comportamentos de busca de poder, enquanto os filhos mais novos podem apresentar traços de um líder mais conciliatório, que através de artifícios de maior complexidade intelectual buscam a cooperação entre as nações para atingir seus objetivos.

Por fim, Hudson (1990), observa que os filhos mais velhos ou filhos únicos são mais propensos a preservar as heranças que receberam. Com isso, evidencia-se tais tendências na trajetória do presidente George W. Bush, isso porque ele era o filho mais velho do ex-presidente americano George Herbert Walker Bush, além de seu pai, o seu avô também tinha carreira política como senador pelo Estado de Connecticut. Assim, segundo Hudson (1990), este traço de fidelidade do filho mais velho em preservar o legado de sua família, quando observado pela ótica do campo político, se traduz em termos de nacionalismo.

Visto como são construídas as personalidades dos líderes, como as experiências na infância moldam os comportamentos futuros e como estas características podem levar a uma política externa mais independente e unilateral, ou torna-se multilateral em decorrência da confiança nos demais Estados. Nesse sentido, cabe analisar também como os demais líderes reagem a determinadas ações, se um determinado governo consegue exercer influência no

comportamento dos demais, através da identificação com determinados traços pessoais, tais como: crenças, motivações e visões de mundo.

### 3.5 Influência do estilo interpessoal de Tony Blair sobre a Casa dos Comuns

A personalidade e as características pessoais de um líder influenciam na maneira como este conduz o seu governo nacionalmente, e também como este traça seus planos de política externa. Tal questão pode ser evidenciada no compromisso da Casa dos Comuns em apoiar a invasão ao Iraque. De acordo com Dyson (2006), a personalidade do então primeiro ministro britânico foi um fator determinante na decisão em apoiar os Estados Unidos.

Ainda segundo o autor, pode-se observar no esquema da Tabela 1, que Tony Blair possuía uma alta crença na sua capacidade de controlar os eventos, além de um fraco compromisso com questões que demandam maior complexidade conceitual, e também demonstra uma forte necessidade de manutenção do poder, traços que são esquematizados por Hermann (1980).

**Tabela 1 - Personalidade de Tony Blair e dois grupos de comparação**

Característica Individual	51 líderes políticos	Desvio padrão	12 Primeiros ministros britânicos	Desvio padrão	Tony Blair
Crença na capacidade de controlar eventos	0.35	0.04	0.33	0.05	0.45 (alto)
Complexidade conceitual	0.57	0.04	0.55	0.04	0.50 (baixo)
Desconfiança nos outros	0.12	0.04	0.08	0.02	0.10 (médio)
Viés do grupo	0.09	0.02	0.07	0.01	0.08 (médio)
Necessidade de poder	0.24	0.03	0.22	0.03	0.30 (alto)
Autoconfiança	0.41	0.08	0.40	0.05	0.39 (médio)
Orientação à atividades	0.63	0.06	0.69	0.05	0.66 (médio)

*Fonte: Data on 51 world political leaders provided by Michael Young, Social Science Automation Inc., personal communication (Dyson, 2006, p. 293 tradução livre).*

De acordo com a Tabela 1 acerca da personalidade do primeiro ministro britânico, três aspectos possuem forte relevância para a análise no que concerne a sua decisão em apoiar a invasão ao Iraque em 2003. O primeiro traço é que ele possui níveis altos na crença em

controle dos eventos, e conforme Dyson (2006), líderes que possuem esse traço percebem sua nação como um ator político influente e que as políticas traçadas por eles são eficazes para o cenário internacional como um todo, independente das particularidades de cada nação. Outro ponto alto da personalidade de Blair é a necessidade de poder, segundo Hermann (2003), os líderes que possuem esta característica buscam meios que assegurem que suas preferências conduzem aos melhores resultados.

Ademais, outro aspecto que pode ser notado nas características de Tony Blair é que o traço de complexidade conceitual é baixo, isso representa segundo Hermann (2003), uma tendência a resolver os problemas segundo um esquema binário, maniqueísta, onde se é aliado ou inimigo. Este traço pode ser evidenciado em uma conversa com o líder do partido democrata Paddy Ashdown, onde o primeiro ministro britânico Tony Blair afirmou:

“He (Saddam) is very close to some appalling weapons of mass destruction (WMD). I don’t understand why the French and others don’t understand this. We cannot let him get away with it. The world thinks this is just gamesmanship. But it’s deadly serious”<sup>16</sup>

Nesse sentido, observa-se uma grande aproximação dos discursos britânicos com o do presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, que desde o início de seu mandato empenhou-se em traçar políticas mais robustas no que tange à segurança internacional. Esta linha de raciocínio de Tony Blair pode ser evidenciada de forma até mais contundente na “Guerra ao Terror” do governo Bush, onde a máxima defendida por ele era que as nações que não o apoiarem, serão consideradas inimigas.

Anterior a eleição de Bush nos Estados Unidos, já pairavam ideais intervencionistas na Inglaterra, isso porque em 1999 o primeiro ministro Tony Blair durante seu discurso em Chicago expõe sua nova doutrina de “Comunidade Internacional” que elenca momentos nos quais a comunidade internacional poderá intervir em questões internas das nações.

“It is states that are repressed, that are dictatorial, that give their people no freedom, that don’t allow them to exercise democratic rights that in my experience and judgment end up threatening others.”<sup>17</sup>

<sup>16</sup>Ashdown (2001, p. 127, tradução livre). “Ele (Saddam) está muito próximo de temidas armas de destruição em massa. Eu não entendo porque os franceses e os outros não entendem isso. Nós não podemos deixar ele se safar. O mundo pensa que isto é apenas um jogo. Mas é muito sério.”

<sup>17</sup>Tony Blair, apud Dyson (2006, p. 298, tradução livre). “São Estados que reprimem, que são ditatoriais, que não dão ao seu povo liberdade e que não permitem o exercício dos direitos democráticos, estes diante do meu entendimento, é que ameaçam os demais.”

Em seus discursos, observa-se marcadamente que os governos ditatoriais perdem seus direitos de soberania, ao passo que ferem os princípios morais e amedrontam seus cidadãos. Nesse sentido, seriam Estados passíveis de sofrer intervenções.

Segundo Dyson (2006), o traço de crença na capacidade de controlar eventos era uma marca tão profunda na personalidade de Blair, que antes dos EUA invadirem o Iraque este acreditava que era capaz de convencer o governo americano em buscar o aval das Nações Unidas para intervir no Iraque. Também acreditava que conseguiria convencer tanto a opinião pública como os demais membros do parlamento que o ataque era a saída mais viável. E diante de tanta confiança que possuía em si mesmo, em janeiro do ano do ataque segundo Kampfner (2004), Blair afirma, “We’ll get UN cover under all conceivable circumstances. Trust me, I know my way through this.”<sup>18</sup> Ou seja, não importa os mecanismo que este irá utilizar ele acredita veementemente em seu poder de persuasão.

No esquema conceitual de Hermann (1980), os líderes que possuem baixos níveis de complexidade conceitual, aqueles que têm perfil mais agressivo, também tendem a visualizar os problemas de forma objetiva, ou seja, existem apenas bons e maus. Esse traço ficou evidente, pois segundo Parker (2002), Blair buscou reforçar, a diferença entre o Ocidente e Oriente, enfatizando que: “These are not people like us... They are not people who obey the normal norms of human behavior.”<sup>19</sup> Este comportamento válida empiricamente a categorização proposta por Hermann (2003), que descreve a complexidade conceitual como capacidade de discernir diferentes demissões ao descrever atores, lugares, ideias e situações.

Portanto, ao assumir esse posicionamento bastante contundente, Blair elucida que estes traços, tais como, baixa complexidade conceitual, desconfiança nos demais e necessidade de poder, tendem a gerar comportamentos subversivos no ordenamento internacional. Assim, cabe analisar por que certos líderes possuem maiores tendências a violar as decisões de organismos supranacionais.

### **3.6 Personalidade do líder e tendência à violação das normas internacionais**

Após compreender como as características cognitivas de cada líder impactam na forma como este conduz sua nação e sua política externa, cabe analisar como estes se comportam

---

<sup>18</sup>Kampfner (2004, p. 256, tradução livre). “Nós vamos obter a cobertura das Nações Unidas, em todas as circunstâncias concebíveis. Confie em mim, eu sei como fazer.”

<sup>19</sup>Parker apud Dyson (2006, p. 299, tradução livre). “Eles não são pessoas como nós... Não são pessoas que obedecem normalmente as normas do comportamento humano.”

diante do sistema normativo e como suas crenças interferem no cumprimento ou não das normas internacionais. De acordo com Shannon e Keller (2007), a necessidade de poder, a crença na capacidade de controlar eventos e a desconfiança com os demais Estados gera uma forte disposição no sentido de violar as normas internacionais. Dessa forma, os autores utilizam a abordagem cognitiva e o esquema conceitual de Hermann (1980), para elucidar que ao compreender as violações do sistema normativo, deve-se examinar também perfil cognitivo do líder.

A partir disso, explicam que dois aspectos no perfil dos líderes são extremamente relevantes para entender porque alguns são mais propensos a violar o código internacional de normas e outros tendem a respeitá-lo. A característica dos que aceitam as normas estão relacionadas com o quão sensíveis estes estão ao contexto político e à opinião pública. Já os que inclinam-se à ruptura das normas, possuem elementos interpessoais mais agressivos, ou seja, segundo Shannon e Keller (2007), eles bebem da fonte hobbesiana que defende que o Estado deve preservar sua soberania, mesmo que isso exija estar alheio ao contexto internacional.

Nesse sentido, de acordo com Shannon e Keller (2007), os líderes de nações democráticas utilizam-se da paz dual, ou seja, as democracias tendem a respeitar as demais nações democráticas, mas em contrapartida tendem a se opor às nações não democráticas, empenhando-se muitas vezes em ataques preventivos, isso porque o nível de desconfiança com os demais é muito alto, então estes líderes acreditam que é melhor neutralizar urgentemente estas nações do que arcar com as ameaças. Por isso este tipo de líder tende a violar as normas que contrariam suas vontades, principalmente aquelas que limitam o uso do seu poderio militar.

A violação das normas internacionais é um subconjunto da ilegalidade, isso porque de acordo com Shannon e Keller (2007), os elementos que definem uma violação das normas internacionais é bastante amplo e passível de refutação. No caso da invasão ao Iraque, os Estados Unidos buscaram apoio das Nações Unidas baseado na resolução 1441 de 2002, ressalta-se que esta também fora aprovada pelo Reino Unido, e estabelecia que o Iraque por estar em *material breach*, ou seja, descumprimento de obrigações impostas, encontrava-se suscetível a consequências graves em caso de novas violações, inclusive uso da força armada. Apesar disso, prevê que a ação, seja executada em dois tempos, ou seja, obstáculos enfrentados pelos inspetores da ONU não acionariam automaticamente o uso da força militar.

Nesse sentido, apesar dos Estados Unidos buscaram respaldo nas resoluções das Nações Unidas, a fim de justificar a Invasão no Iraque, esta ação desencadeou diversos

posicionamentos contrários no que concerne à violação das normas internacionais. Nesse sentido, de acordo com Macaskill e Borger (2004), reitera-se a fala do então Secretário Geral das Nações Unidas Kofi Annan, “Not in conformity with the UN charter” and thus “from our point of view and from the charter point of view it was illegal.”<sup>20</sup> Além da forte oposição por instâncias superiores, ressalta-se também que a população encontrava-se contrária à tal intervenção no Iraque, promovendo protestos por todo o mundo, com o apoio de algumas ONGs que viabilizaram a organização de tais movimentos contra a guerra.

Diante deste cenário, cabe entender como o presidente Bush mesmo diante de forças contrárias operacionalizou discursos e estratégias que conduziram à Invasão ao Iraque em 2003. De acordo com a estrutura do comportamento mentiroso elencado por Mearsheimer (2012), as ações de Bush antes da guerra enquadram-se na difusão do medo.

### 3.7 Comportamento mentiroso

Diante das circunstâncias dadas, torna-se válido para um líder que representa os interesses de uma nação mentir, torcer ou enganar o próprio povo a fim de obter ou manter a segurança do mesmo?

Diferente do que o senso comum entende como mentira - ato de enganar, ludibriar quase sempre em benefício próprio para auferir ganhos egoístas e que geralmente são rechaçados pela sociedade, as mentiras possuem uma conotação distinta ao serem transportadas para o âmbito internacional. Isso porque, através de uma abordagem realista, no cenário internacional vigora uma lógica anárquica, ou seja, não existe segundo eles, uma entidade suprema, coercitiva e legítima que estabeleça as regras. Assim, diante de um Estado de Natureza<sup>21</sup> alguns países sentem-se no direito de utilizar diversos meios, inclusive os que ferem princípios éticos, como, as mentiras internacionais, para garantir a segurança nacional.

Por isso, Mearsheimer (2012) elenca sete modalidades onde ocorrem o comportamento mentiroso por parte dos líderes, para compreensão da Guerra do Iraque, e de como foram construídos os discursos de Bush, cabe analisar a difusão do medo, que ocorre quando os

<sup>20</sup> Kofi Annan (2004, tradução livre). “Sem conformidade com a carta das Nações Unidas... Diante do nosso ponto de vista e da Carta das Nações Unidas fora ilegal.” Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2004/sep/16/iraq.iraq>> Acesso em: 13 ago. 2018.

<sup>21</sup>DEVIN (2009, p. 61).“Partindo da ideia (contestável) de que o universo internacional seria um estado de natureza, um imperativo parece se impor a todos os atores e, mais particularmente, aos atores estatais: sobreviver. Todos os Estados compartilhariam pelo menos de um objetivo central: a sua segurança, ou seja, a sua capacidade de impor a sua vontade ou a sua capacidade de não sucumbir à vontade dos outros.”

líderes percebem que a população não se deu conta da real proporção de uma ameaça iminente. Então, eles se veem no dever de exagerar a realidade para conseguir apoio da população, ao aumentar gastos voltados à defesa ou também, a incentivar a população a servir no exército.

No sentido de convencer a população quanto a ameaça do Iraque à segurança nacional americana, os Estados Unidos fizeram inúmeras declarações elucidando a ideia de que Saddam teria uma grande parcela de culpa sobre os atentados de 11 de setembro. Este traço comportamental pode ser evidenciado no discurso do presidente Bush no convés do USS Abraham Lincoln: “A batalha do Iraque é uma vitória na guerra contra o terror que começou em 11 de setembro de 2001 e que ainda continuará.” (Mearsheimer, 2012, p.80). Assim, mesmo diante da inexistência de provas que o governo iraquiano estava escondendo armas de destruição em massa, Bush não tardava em acusar tal governo, através da difusão do medo e da omissão<sup>22</sup> em seus discursos. A exemplo disso observa-se o discurso em 30 de janeiro de 2003, que ao lado do primeiro ministro italiano Silvio Berlusconi entoou ao povo americano que ainda era possível evitar a guerra. Porém, segundo Mearsheimer (2012), em 13 de janeiro de 2003 antes desse discurso, ele havia confessado ao secretário Colin Powell que tinha decidido entrar em guerra contra o Iraque.

Além da difusão do medo, Bush também utilizou-se da prática da omissão, pois de acordo com Mearsheimer (2012), no começo da guerra o governo americano havia capturado dois terroristas importantes da AL-Qaeda - Khalid Sheikh Mohammed e Abu Zabaydah que em seus interrogatórios haviam confessado, separadamente, que Osama bin Laden iria propor a Saddam uma aliança frente aos EUA, mas depois desistiu da ideia. E então para não perder a credibilidade das afirmações sobre o possível envolvimento desses líderes, Bush optou por ocultar tal fato da opinião pública.

Diante do insucesso da guerra, o presidente George W. Bush perdeu sua credibilidade diante de seus compatriotas, que acreditavam que a guerra foi desnecessária. Assim, observa-se uma correlação com o conceito de guerra injusta, ou seja, um conflito que não apresenta necessidades concretas e justas para a sua realização. De acordo com Migst (2009, p. 216):

É preciso haver uma causa justa (autodefesa ou defesa contra outros, ou uma violação maciça dos direitos humanos), e uma declaração de intenção por uma autoridade competente (cujo significado, desde a formação das Nações Unidas, é

---

<sup>22</sup>MEARSHEIMER, John. (2012, p. 36.) “Envolve a retenção de informação que possam prejudicar ou enfraquecer a posição de alguém. O indivíduo simplesmente se cala sobre uma evidência, porque quer escondê-la dos outros.”

interpretado como Conselho de Segurança). É preciso que os líderes tenham intenções corretas, desejem dar um fim a abusos e estabelecer uma paz justa, e já tenham esgotado as outras possibilidades para dar um fim às violações e estejam apelando para a guerra como o último recurso.

Assim, segundo Mearsheimer (2012), a instrumentalização do comportamento mentiroso, tenta tornar a prática da mentira um “mal necessário”, ou seja, é um mecanismo inerente a insegurança proporcionada pelo sistema anárquico.

Portanto, a fim de ilustrar que as características subjetivas influenciam a condução de um governo, podendo gerar altos níveis de nacionalismo, desconfiança nos atores políticos que compõem o cenário internacional e uso do poderio militar para combate de ameaças reais ou inventadas, faz-se necessário uma análise de conteúdo dos discursos proferidos pelo então presidente George W. Bush.

Assim, além de observar o perfil comportamental descrito por Hermann (1980), será analisado também o comportamento mentiroso elencado por Mearsheimer (2012), ou seja, como fora criada a ameaça do Iraque, visto que os resultados das inspeções que buscavam encontrar armas de destruição em massa não obtiveram os resultados que Bush esperava. Portanto cabe analisar as influências comportamentais na formulação de políticas públicas e no fomento à guerras.

## **4 CAPÍTULO III**

### **4.1 Influência das características comportamentais nos discursos**

Este capítulo apresentará os resultados da análise de conteúdo dos discursos do presidente George W. Bush, com o objetivo de demonstrar como as características pessoais, como por exemplo, a desconfiança nos demais, a necessidade de poder e autoconfiança moldam os discursos do líder.

Dessa forma, poderá ser observados de forma empírica, quais são as palavras mais marcantes em seus discursos e o que elas representam. Esta análise de conteúdo permitirá também compreender como fora elaborada sua retórica discursiva e como as mentiras internacionais foram utilizadas no contexto da guerra.

### **4.2 Metodologia**

A pesquisa será construída através de uma análise de conteúdo, a compreensão dos fenômenos abordados se dará por meio do método qualitativo, onde será utilizado como material base da análise, os discursos do presidente George W. Bush.

Nesse sentido, serão explorados cinco discursos em momentos históricos decisivos. Como sua primeira fala direcionada à nação após os graves ataques de 11 de setembro. Assim como, seu pronunciamento na sala do Tratado da Casa Branca, em 07 de outubro de 2001, em relação às operações no Afeganistão. Também serão analisados os do ano posterior ao atentado, onde Bush discursa na 57ª Assembleia Geral das Nações Unidas exatamente um mês antes das tropas americanas invadiram o Afeganistão. E por fim, serão analisados dois discursos no ano de 2003 - o primeiro um mês antes da invasão ao Iraque, onde ele enfatiza que o ditador iraquiano está construindo e escondendo armas que podem ser utilizadas para conquista do Oriente Médio. E o segundo, o discurso feito no Gabinete Oval direcionado a nação empenhada nas operações militares no Iraque um dia antes da invasão.

Tais dados, serão avaliados através do software IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires), esta ferramenta é baseada no software R e na linguagem de programação python que permite diversos processamentos e apoio estatístico à pesquisa qualitativa.

### 4.3 Análise de conteúdo

Após a observação de que as características subjetivas influenciam o comportamento decisório de um líder político, e que segundo Herz (1994), os decisores não selecionam do seu quadro cognitivo elementos úteis à definição política, como pressuporia o modelo de ator racional descrito por Hyndess (1988). Dessa forma, faz-se imprescindível observar empiricamente o comportamento do presidente George W. Bush e como este elabora seus discursos, para tanto não é objetivo do trabalho analisar discursos que atravessam as lentes midiáticas, mas sim aqueles proferidos pelo próprio presidente, fornecidos pela Casa Branca.

De acordo com Prakash (2008), quanto mais frequentemente os líderes políticos utilizam determinadas palavras em seus discursos, mais proeminente será determinado conteúdo para eles. Assim, com o objetivo de entender como as motivações e interesses pessoais do líder influenciam seus discursos, cabe, portanto analisar especificamente, verbos e substantivos que refletem ação de ataque, influência, ou que façam alusão a suspeita de ação dos demais, além de porcentagens de pronomes pessoais, que indicam o nível de autoconfiança.

A fim de obter uma análise eficaz dos traços que compõem a personalidade de Bush, foram selecionados cinco discursos em momentos distintos de sua trajetória política, e para obter os resultados quantitativos, esses foram lançados no software IRAMUTEQ. Segundo Hermann (1999), para que seja possível determinar traços comportamentais de um líder de forma estável é preciso que sejam examinados alguns materiais, de momentos onde o líder age por pressão, em decorrência de determinado evento, ou quando este tem tempo para elaborar seus discursos e prepará-lo de maneira a convencer a opinião pública à determinada ação, pois esta gama temporal é que possibilita traçar indicadores confiáveis. Por isso, no rol de discursos examinados do presidente Bush, encontram-se aqueles que precisaram ser proferidos à população no dia dos ataques de 11 de setembro, bem como, discursos em tempos posteriores, como por exemplo, o da 57ª Assembleia Geral das Nações Unidas em 2002.

A análise de conteúdo visa observar os fenômenos que ocorrem com certa repetição sejam eles frequência de palavras, ordenação ou vícios de linguagem. Assim, para Bardin (2004), é um procedimento que possibilita identificar regularidades nos fragmentos textuais analisados.

Para tanto, cabe analisar os resultados da categorização dos discursos feitos pelo software. Primeiramente, foi realizado uma classificação hierárquica descendente, que

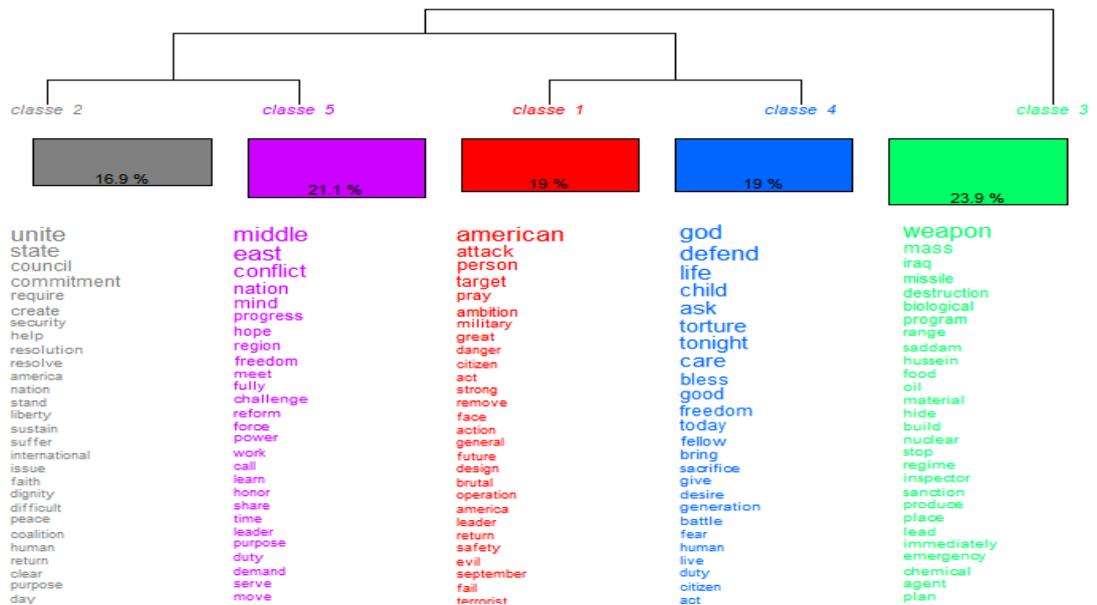
permite uma separação das palavras em classes e subgrupos além de fornecer o percentual das mesmas. Posteriormente, outra configuração utilizada, foi a análise fatorial por correspondência que possibilita uma compreensão da relação entre os discursos.

#### **4.4 Classificação hierárquica descendente**

O *corpus* textual (conjunto de textos) foi construído a partir de cinco discursos do presidente George W. Bush em momentos importantes. Estes foram separados em 201 segmentos de texto (ST). A partir disso, observa-se 7.286 ocorrências, entre elas palavras, formas ou vocábulos. Outro aspecto relevante, é que entre as palavras dos discursos, 1.743 são distintas entre si e 998 com apenas uma ocorrência. Ademais, optou-se por utilizar as palavras em inglês e o dicionário do software nesse mesmo idioma, visto que as versões originais de tais discursos estão na língua inglesa, e também para evitar enviesamento que porventura pudesse ocorrer ao traduzir tais conteúdos.

Vale ressaltar que o conteúdo analisado foi separado em 5 classes, com 3 ramificações, (A, B e C), do total do corpus analisado. O subcorpus A é composto pela classe 1 (*“Consternação com o 11/09”*), e a classe 4 (*“Necessidade de defesa”*). O subcorpus B abarca a classe 2 (*“Construção do papel dos Estados Unidos na defesa da dignidade humana”*), e classe 5 (*“Preocupação com a liberdade do Oriente Médio”*). Por fim, a ramificação C é composta por apenas a classe 3 (*“Construção da ameaça do Iraque”*). Conforme a figura 1.

**Figura 1 - Dendograma da classificação hierárquica descendente**



Fonte: Elaborado pela autora.

Dentre todas as classes que foram categorizados os 5 discursos do presidente Bush, observa-se que as palavras que compõem a classe 1 são oriundas em grande parte do discurso 1, aquele direcionado à nação no dia dos atentados de 11 de setembro, representando 99.25 pontos da classe, que compreende 19.01% ( $f = 27$  ST) do corpus analisado. Em relação a classe 4, as palavras com maior relevância advinham do discurso 2, direcionado à nação no dia da invasão do Afeganistão, representando 88,03 pontos da classe, que também compreende a 19.01% ( $f = 27$  ST).

No que se refere a classe 2, o discurso que mais se fez presente foi o discurso 4, acerca das observações sobre o futuro do Iraque, feito em 26 de fevereiro de 2003, um mês antes de invadir o Iraque. Esse discurso marca 163,43 pontos da classe 2, compreendendo 16.9% ( $f = 24$  ST). Já a classe 5, o discurso que aparece mais forte é o discurso 3 direcionado a Assembleia Geral das Nações Unidas um ano após os atentados de 11 de setembro e também após ter invadido o Afeganistão na busca pelos culpados. E apresenta 21.13% ( $f = 30$  ST).

Por fim, a classe 3 é marcada pela presença de dois discursos (3 e 4), o direcionado a Assembleia Geral das Nações Unidas com a maior pontuação das classes marcando 216,71 e o das observações sobre o futuro do Iraque com 174,34 pontos. Esta classe é a que apresenta o maior percentual 23.94% ( $f = 34$  ST).

Para uma melhor compreensão contextual, acerca das palavras classificadas, faz-se necessário expor trechos dos discursos que compõem cada classe, a fim de elucidar os traços comportamentais descritos em fragmentos de texto.

Do subcorpus A podem ser extraídos alguns trechos do discurso do presidente Bush, nos quais podem ser evidenciados fortes traços na crença de controlar eventos, alta necessidade de manutenção de poder e um viés do grupo. Pois de acordo com a codificação de Hermann (2003), crença na capacidade de controlar eventos, pode ser evidenciada através da percepção de que um líder pode influenciar as decisões no cenário internacional. Em relação ao viés do grupo este pode ser notório através do sentimento de identidade e honra nacional. E por fim, o traço de necessidade de poder segundo Hermann (2003), é marcado nos discursos pelas palavras que refletem ação, influência e preocupação com a restauração da reputação de um Estado. Tais traços podem ser percebidos nos fragmentos da classe 1 (“Consternação com o 11/09”).

[...] To help with local rescue efforts our first priority is to get help to those who have been injured and to take every precaution to protect our citizens at home and around the world from further attacks [...] Terrorist attacks can shake the foundations of our biggest buildings but they cannot touch the foundation of america.<sup>23</sup>

No que se refere a classe 4 (“Necessidade de defesa”) os trechos de maior destaque são os seguintes:

[...] We did not ask for this mission but we will fulfill it. The name of today’s military operation is enduring freedom we defend not only our precious freedoms but also the freedom of people everywhere to live and raise their children free from fear. [...] We will not waver we will not tire we will not falter and we will not fail peace and freedom will prevail.<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> [...] Para ajudar nos esforços de resgate locais, nossa primeira prioridade é ajudar aqueles que foram feridos e tomar todas as precauções para proteger nossos cidadãos em casa e em todo o mundo contra novos ataques. [...] Ataques terroristas podem abalar as fundações de nossos maiores edifícios, mas eles não podem abalar os pilares da América. EUA. Presidente (2001 - 2009: George W. Bush) Discurso direcionado a nação nos ataques de 11 de setembro. Washington, 11 nov. 2001. Disponível em: <[https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected\\_Speeches\\_George\\_W\\_Bush.pdf](https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected_Speeches_George_W_Bush.pdf)> Acesso em 06 set. 2018.

<sup>24</sup> [...] Nós não pedimos por essa missão, mas vamos cumpri-la. O objetivo das operações militares hoje é garantir a liberdade duradoura, defendemos não só nossas preciosas liberdades, mas também a liberdade das pessoas de viver e criar seus filhos livres do medo. [...] Não vamos vacilar não vamos nos cansar não vamos vacilar e não vamos falhar a paz e a liberdade prevalecerão. EUA. Presidente (2001 - 2009: George W. Bush)

Do subcorpus B, pode ser observado uma preocupação com a construção da imagem do Estados Unidos como defensor internacional e garantidor da paz e dignidade humana, e reforçando a lógica binária, onde ou se é aliado ou inimigo. De acordo com o esquema conceitual de Hermann (1980), dentro desses fragmentos textuais podem-se observar traços de baixa complexidade conceitual, bem como níveis consideráveis de autoestima. Como por exemplo, no trecho dos discursos que compõem a classe 2 (“Construção do papel dos Estados Unidos na defesa da dignidade humana”)

[...] The dangers of our time must be confronted actively and forcefully before we see them again in our skies and in our cities and we set a goal we will not allow the triumph of hatred and violence in the affairs of men. [...] america’s interests in security and america’s belief in liberty both lead in the same direction to a free and peaceful iraq the first to benefit from a free iraq would be the iraq people themselves.<sup>25</sup>

No que tange a Classe 5 (“Preocupação com a liberdade do Oriente Médio”), observa-se uma aproximação contextual com a classe 2, por isso, compõem o mesmo subcorpus, e o trecho que pode comprovar tal questão é:

[...] our common security is challenged by regional conflicts ethnic and religious strife that is ancient but not inevitable in the middle east there can be no peace for either side without freedom for both sides [...] my nation will continue to encourage all parties to step up to their responsibilities as we seek a just and comprehensive settlement to the conflict.<sup>26</sup>

---

Discurso direcionado a nação em operações no Afeganistão. Washington, 07 out. 2001. Disponível em: <[https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected\\_Speeches\\_George\\_W\\_Bush.pdf](https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected_Speeches_George_W_Bush.pdf)> (tradução livre). Acesso em 06 set. 2018.

<sup>25</sup> [...] Os perigos do nosso tempo devem ser enfrentados de forma ativa e vigorosa antes de os vermos novamente em nossos céus e em nossas cidades e estabelecemos um objetivo, não permitiremos o triunfo do ódio e da violência nos assuntos dos homens. Os interesses da América na segurança conduzem a mesma direção - um Iraque livre e pacífico. O primeiro a se beneficiar de um Iraque livre seria o próprio povo iraquiano. EUA. Presidente (2001 - 2009: George W. Bush) Discurso acerca das considerações sobre o futuro do Iraque. Washington, 26 fev. 2003. Disponível em: <[https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected\\_Speeches\\_George\\_W\\_Bush.pdf](https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected_Speeches_George_W_Bush.pdf)> (tradução livre) Acesso em 06 set. 2018.

<sup>26</sup> [...] Nossa segurança comum é desafiada por conflitos regionais conflitos étnicos e religiosos que são antigos mas não inevitáveis no Oriente Médio, não pode haver paz para nenhum dos lados sem liberdade para ambos os lados. [...] minha nação continuará encorajando todas as partes a suas responsabilidades enquanto buscamos uma solução justa e abrangente para o conflito. EUA. Presidente (2001 - 2009: George W. Bush) Discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas. Washington, 12 set. 2002. Disponível em: <[https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected\\_Speeches\\_George\\_W\\_Bush.pdf](https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected_Speeches_George_W_Bush.pdf)> (tradução livre) Acesso em 06 set. 2018.

Após os atentados de 11 de setembro, Bush iniciou uma busca pelos culpados e também um processo de retaliação. Assim, para que suas ações de invadir o Iraque obtivessem apoio internacional este molda seu discurso no intuito de exacerbar a ameaça iraquiana de possuir armas de destruição em massa. Esses elementos foram traçados de forma bastante contundente no seu discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas, como pode ser observado nas palavras que compõem a classe 3.

Assim, pode-se observar que de acordo com o esquema conceitual de Hermann (1980), as sentenças que constroem a classe 3 possuem marcas de um discurso profundamente desconfiado das ações dos demais, com baixa complexidade conceitual e alta necessidade de poder. Além de um comportamento mentiroso, nos moldes de Mearsheimer (2012), pois afirma que o Iraque possui programas de destruição em massa, mesmo quando tal questão é apenas uma suposição.

“[...] Today iraq continues to withhold important information about its nuclear program weapons design procurement logs experiment data an accounting of nuclear materials and documentation of foreign assistance iraq employs capable nuclear scientists and technicians. [...] we have been more than patient we’ve tried sanctions we’ve tried the carrot of oil for food and the stick of coalition military strikes but Saddam Hussein has defied all these efforts and continues to develop weapons of mass destruction.”<sup>27</sup>

Assim no sentido de elucidar as características do perfil do presidente Bush através dos seus discursos, elaborou-se um organograma com a listagem de palavras e sua frequência que foram geradas a partir do teste qui-quadrado, ou seja, a relação entre os resultados de um

---

[whitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected\\_Speeches\\_George\\_W\\_Bush.pdf](http://whitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected_Speeches_George_W_Bush.pdf)> (tradução livre). Acesso em 06 set. 2018.

<sup>27</sup> “[...] Hoje, o Iraque continua retendo informações importantes sobre o seu programa nuclear de armas, registros de aquisições, dados experimentais, contabilidade de materiais nucleares e documentação de ajuda externa. O Iraque emprega cientistas e técnicos nucleares capacitados. [...] temos sido mais do que pacientes, tentamos sanções, tentamos a *carrot of oil* por comida e ataques militares da coalizão, mas Saddam Hussein desafiou todos esses esforços e continua a desenvolver armas de destruição em massa. EUA. Presidente (2001 - 2009: George W. Bush) Discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas. Washington, 12 set. 2002. Disponível em: <[https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected\\_Speeches\\_George\\_W\\_Bush.pdf](https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected_Speeches_George_W_Bush.pdf)> (tradução livre). Acesso em 06 set. 2018.

experimento e a distribuição esperada de tais fenômenos, como é possível verificar no “Apêndice A” deste trabalho.

Para tal levantamento, convém pontuar que certas palavras precisaram ser excluídas da análise porque possuíam o p-valor  $> 0,05$  o que caracterizaria um direcionamento na análise, além dos termos suplementares que não seriam pertinentes para a análise.

Dessa forma, entre as formas ativas, que foram excluídas pode-se pontuar da classe 1: falhar (*fail*), setembro (*september*), mal (*evil*), segurança (*safety*), líder (*leader*) e terrorista (*terrorist*). Já da classe 2 foram excluídas: coalizão (*coalition*), humano (*human*), esforço (*effort*), dia (*day*), propósito (*purpose*), retornar (*return*) e claro (*clear*). Na classe 3 as palavras que foram suprimidas são: confronto (*confront*), ameaça (*threat*), longo (*long*), continuar (*continue*), ataque (*strike*), propagar (*spread*), necessidade (*need*), terrorista (*terrorist*) e assassinato (*murder*). As palavras eliminadas da classe 4 foram: cidadãos (*citizen*), dever (*duty*), medo (*fear*) e humano (*human*). E por fim, as palavras da classe 5 retiradas foram: preparar (*prepare*), passo (*step*), dever (*duty*), mover (*move*), propósito (*purpose*), líder (*leader*), honrar (*honor*), aprender (*learn*) e compartilhar (*share*).

Com base nesse dados, pode-se evidenciar que o discurso 5, aquele proferido a nação em ações militares no Iraque, um dia antes do início da invasão, não fora marcante em nenhuma das classes. Diante disso, pode-se inferir que tal fato se deu pois a construção do inimigo já havia ocorrido em discursos prévios, e esse discurso teve um viés mais informacional como pode ser observado no trecho a seguir:

“On my orders, coalition forces have begun striking selected targets of military importance to undermine Saddam Hussein’s ability to wage war.”<sup>28</sup>

Apesar dessa questão, o discurso 5 continua possuindo palavras e trechos importantes que evidenciam a personalidade agressiva do presidente Bush, como por exemplo:

“[...] Our purpose is sure. The people of the United States and our friends and allies will not live at the mercy of an outlaw regime that threatens the peace with weapons of mass murder.”<sup>29</sup>

<sup>28</sup> Sob minhas ordens, forças da coalizão começaram a atacar alvos selecionados de importância militar para minar a capacidade de Saddam Hussein de travar uma guerra. EUA. Presidente (2001 - 2009: George W. Bush) Discurso direcionado a nação em operações militares no Iraque. Washington, 19 mar. 2003. Disponível em: <[https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected\\_Speeches\\_George\\_W\\_Bush.pdf](https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected_Speeches_George_W_Bush.pdf)> (tradução livre). Acesso em 06 set. 2018.

<sup>29</sup> [...] Nosso propósito é certo. O povo dos Estados Unidos, nossos amigos e aliados não viverão à mercê de um regime fora da lei que ameaça a paz com armas de assassinato em massa. EUA. Presidente (2001 - 2009: George

Segundo Hermann (2003), esses traços evidenciam uma alta crença na capacidade de controlar eventos. Além da percepção que os valores Ocidentais não podem ser colocados em xeque por ameaças advindas do Oriente. Essa tipificação do regime iraquiano como vilão pode ser explicada pela tese de “conhecimento armazenado” de Shutz (1967), que explica que os atores políticos carregam consigo um esquema interpretativo que delimita o outro a partir de suas próprias crenças, valores e atitudes.

Em relação aos outros discursos pode-se perceber certa semelhança na robustez das palavras e centralidade na intenção do presidente de legitimar suas invasões. Por isso, na análise fatorial os discursos 1, 2, 4 e 5 estão próximos entre si, pois foram proferidos em momentos que o presidente Bush encontra-se sob pressão, o primeiro no dia dos atentados de 11 de setembro, o segundo no dia da invasão do Afeganistão, o quarto fora importantíssimo para que o presidente pudesse conduzir a opinião pública a acreditar que invadir o Iraque seria a opção mais viável na busca pelos culpados, entretanto essa tarefa precisava do máximo de traquejo do presidente, tendo em vista o fracasso da invasão ao Afeganistão. E o quinto discurso, também está próximo dos demais, pois foi proferido um dia antes da guerra do Iraque. E de acordo com Hermann (1999), os traços da personalidade de um líder tornam-se mais visíveis quando estes estão em momentos de grande pressão.

No que concerne o discurso 3, proferido na 57ª Assembleia Geral das Nações Unidas, apesar de tratar dos mesmos temas, este apresenta certo distanciamento dos demais. Pois dado o momento em que foi emitido, precisava ser mais elaborado, a fim de obter o apoio de outras nações que estariam presentes na Assembleia Geral. Então, Bush empenhou-se em construir tal discurso de maneira bem elaborada. Pois segundo Mearsheimer (2012), mentiras entre Estados, são mais raras, visto que os custos de enganar outros líderes aliados não superam os benefícios, além de que os demais Estados possuem os mesmos, ou mais avançados artifícios de inteligência e segurança para identificar tais mentiras. Por isso explica-se o distanciamento do discurso 3 no quadrante. Para ilustrar tal questão, observa-se o resultado da configuração de análise fatorial por correspondência da figura 2.

Os quadrantes gerados pelo IRAMUTEQ na análise fatorial por correspondência podem ser classificados de acordo com as teorias de Hermann (1980), para isso, foram

---

W. Bush) Discurso direcionado a nação em operações militares no Iraque. Washington, 19 mar. 2003. Disponível em: <[https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected\\_Speeches\\_George\\_W\\_Bush.pdf](https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected_Speeches_George_W_Bush.pdf)> (tradução livre). Acesso em 06 set. 2018.

observadas as palavras de maior destaque e sua proximidade, para então entender como estas se relacionam com os traços de personalidades. Dentre os quadrantes podem ser observadas as três características pessoais descritas pela autora: crenças, motivações e estilo interpessoal. No primeiro quadrante, no sentido anti-horário, encontra-se a crença na capacidade de controlar eventos, que segundo Hermann (2003), é demonstrado através da quantidade de palavras que enfatizam planos de ação. No segundo e terceiro quadrante, estão as motivações, ou seja, as circunstâncias pelas quais o presidente Bush, optou por invadir o Iraque, de acordo com a conceituação de Hermann (2003), a motivação presente foi necessidade de restauração do poder.

Por último, o quarto quadrante atesta o estilo interpessoal do presidente Bush, que segundo o aporte teórico de Hermann (2003), é desconfiança nos demais atores políticos, pois este quadrante é marcado por palavras que enfatizam a ameaça do regime iraquiano, sugerindo que a América é um alvo de ataque, conforme demonstra a “Figura 2” deste trabalho.



that Iraq is building more long range missiles that it can inflict mass death throughout the region.<sup>30</sup>

Porém de acordo com Mearsheimer (2012), no dia 06 de setembro de 2002, ou seja seis dias antes do discurso na ONU, Bush havia sido informado pelo o general Tommy Franks que não foram encontradas tais armas. “Eu não posso dizer que saiba da existência de qualquer arma específica em algum lugar. Não vi nenhum Scud se quer.” (MEARSHEIMER, 2012, p. 77).

Conclui-se que, apesar das evidências que o governo iraquiano poderia possuir relação com os ataques de 11 de setembro, convém pontuar que os discursos de Bush possuíam um caráter precipitado e de acordo com a categorização de Mearsheimer (2012), ele instrumentalizou a mentira para que esta servisse a seu favor. Isso se deve, por causa dos seus traços comportamentais serem mais próximos do denominado pelos estudos de Hermann (1980) de um líder agressivo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A influência das características cognitivas do perfil do presidente Bush na forma como este conduziu seu governo foi notória ao passo que ele decidiu invadir o Iraque em busca dos culpados pelos terríveis ataques de 11 de setembro. Sua personalidade marcada pelos crença na capacidade de controlar eventos, alto nível de nacionalismo e desconfiança nos demais demonstram segundo a esquematização de Hermann (1980), um comportamento agressivo.

Dessa forma o governo de Bush, difundiu nacionalmente e pelo mundo uma política de “Guerra ao Terror” que pretendia angariar aliados na guerra travada pelos Estados Unidos contra o terrorismo e na busca pelos culpados. Dentro dessa perspectiva, fora cunhado o termo “Eixo do Mal”, que incluía o Irã, Coreia do Norte e Iraque como possíveis responsáveis

---

<sup>30</sup> O Iraque também possui uma força de mísseis do tipo Scud com alcance além dos 150 quilômetros permitidos pela ONU. O trabalho em instalações de testes e produção mostra que o Iraque está construindo mais mísseis de longo alcance que podem causar mortes em massa em toda a região. EUA. Presidente (2001 - 2009: George W. Bush) Discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas. Washington, 12 set. 2002. Disponível em: [https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected\\_Speeches\\_George\\_W\\_Bush.pdf](https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected_Speeches_George_W_Bush.pdf) (tradução livre). EUA. Presidente (2001 - 2009: George W. Bush) Discurso direcionado a nação em operações militares no Iraque. Washington, 19 mar. 2003. Disponível em: [https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected\\_Speeches\\_George\\_W\\_Bush.pdf](https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected_Speeches_George_W_Bush.pdf) (tradução livre). Acesso em 06 set. 2018.

pelos atentados. E o líder iraquiano ainda era visto como figura chave, por “ele [Saddam] ter sido o único chefe de estado a comemorar abertamente os atentados” (DORNELLES, 2002 p. 124). Dessa forma, Bush traçou estratégias antiterrorismo que puderam ser percebidas desde o viés econômico, onde ele substituiu o multilateralismo existente, por acordos bilaterais, até a difusão do medo entre os cidadãos norte americanos.

Com isso, no objetivo de angariar apoio para invadir o Iraque, Bush se utiliza de diversas estratégias discursivas, para alertar a população norte americana, e a comunidade internacional, da possibilidade de armas de destruição em massa “caírem em mãos erradas”. Por isso, a hipótese aventada de que o governo iraquiano estava abrigando os terroristas que causaram tamanho desastre nos Estados Unidos, ou seja, que Saddam estava pactuando com Osama bin Laden, e ainda mais que havia a possibilidade deste governo estar investindo na construção de ogivas nucleares, para então utilizar as armas de destruição em massa contra o Ocidente. Estas ideias sempre aparecem vinculadas para gerar certa influência no imaginário popular, para que estes consentissem com qualquer ação do então presidente, afinal, este, mesmo que estivesse mentindo era para o bem da população.

Dessa forma pautado nessas suposições foi que o presidente Bush decidiu invadir o Iraque, portanto compreender as questões intrínsecas que o levaram a tal empreitada é de extrema relevância para o estudo das relações internacionais, dada a trajetória profícua de análise de política externa no campo de estudo da psicologia dos líderes políticos.

O desenvolvimento deste trabalho permitiu observar como as esquematizações das características pessoais propostas por Hermann (1980), podem ser evidenciadas no discurso do presidente Bush. Os traços do líder denominado agressivo se fazem presente em todos os discursos analisados, os resultados do software mostram a presença da habilidade de controlar eventos, necessidade de poder e a desconfiança nos demais.

Além disso, também fora observado traços do comportamento mentiroso, conforme descrito por Mearsheimer (2012), que aponta que certos líderes a fim de fazer com que a população e seus aliados enxerguem determinada ameaça da mesma forma que ele, tendem a mentir, esta prática de difusão do medo se fez presente nos discursos do presidente Bush que pretendia obter apoio para invadir o Iraque.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARNABÉ, ISRAEL ROBERTO; SILVA MINUCCI, CAROLINE DE ANDRADE. **Guerra do Iraque: Clinton e Bush - Uma análise comportamental**. Ribeirão Preto: Centro Universitário Moura Lacerda, 2008.
- BERNAL-MEZA, Raúl. **Multilateralismo e unilateralismo na política mundial: América Latina frente à ordem mundial em transição**. São Paulo: Revista Brasileira de Política Internacional, [s.l.], v. 48, n. 1, 2005, p.5-23.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO Gianfranco: **Dicionário de Política**, Brasília: ed.Unb, v. 1 e 2, 2010.
- BUZAN, Barry. **As implicações do 11 de Setembro para o estudo das relações internacionais**. Contexto Internacional, [s.l.], v. 24, n. 2. 2002, p.233-265.
- CIRINCIONE, Joseph et al. **WMD in Iraq: evidence and implications**. Washington: Carnegie Endowment For International Peace, v. 1, n. 1. 2004, p.1-107.
- DINIZ, Eugenio. **Compreendendo o fenômeno do terrorismo**. Niterói: 3º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Ciência Política, 2002, p. 2 - 21.
- DYSON, Stephen Benedict. **Personality and Foreign Policy: Tony Blair's Iraq Decisions**. Malden: v. 2, n. 1. 2006, p.289-306.
- GIACOMELLO, Giampiero; FERRARI, Federica; AMADORI, Alessandro. **With friends like these: foreign policy as personal relationship**. Reino Unido: Contemporary Politics, [s.l.], v. 15, n. 2, 2009, p.247-264.
- HERMANN, Margaret G. **Explaining Foreign Policy Behavior Using the Personal Characteristics of Political Leaders**. Ohio: International Studies Quarterly. v. 24, n. 1, mar. 1980, p.7-46.
- HUDSON, Valerie M. **Birth Order of World Leaders: An Exploratory Analysis of Effects on Personality and Behavior**. Provo: Political Psychology, v. 11, n. 3. 1990, p.583-601.
- \_\_\_\_\_. **Foreign Policy Analysis: Classic and Contemporary Theory**. Reino Unido: 2. ed. Rowman & Littlefield, 2014.
- LEITE, Lucas A. B. **A Construção do inimigo nos discursos presidenciais norte americanos do pós-guerra fria**. São Paulo: Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2013.
- LIMA, Leonardo. **Terrorismo, doutrina Bush e a estabilidade do sistema internacional**. Minas Gerais: Dissertação de mestrado, PUC Minas, 2005.
- MASCHIETTO, Roberta H. **A política externa dos Estados Unidos**. São Paulo: Revista Brasileira de Política Internacional, [s.l.], v. 46, n. 2. 2003, p.195-198.
- MEARSHEIMER, John. J. **Por que os Líderes Mentem: Toda a Verdade Sobre as Mentiras na Política Internacional**. Rio de Janeiro: ed. Zahar, 2012.
- MERCER, Jonathan. **Rationality and Psychology in International Politics**. Cambridge: International Organization, [s.l.], v. 59, n. 01, 2005. p.77-106.

MILBANK, Dana; DEANE, Claudia. **Hussein Link to 9/11 Lingers in Many Minds**. 2003. Disponível em: <[https://www.washingtonpost.com/archive/politics/2003/09/06/hussein-link-to-911-lingers-in-many-minds/7cd31079-21d1-42cf-8651-b67e93350fde/?noredirect=on&utm\\_term=.336bf9b77cb2](https://www.washingtonpost.com/archive/politics/2003/09/06/hussein-link-to-911-lingers-in-many-minds/7cd31079-21d1-42cf-8651-b67e93350fde/?noredirect=on&utm_term=.336bf9b77cb2)>. Acesso em: 06 jun. 2018.

PARKER, D. **Changing driver's attitudes to speeding: using the theory of planned behaviour**. In 'Changing health behaviour: intervention and research with social cognition models'. Reino Unido: ed. D. Rutter and L. Quine. 2002.

RABELO, Ricardo L. **C.A Evolução do terrorismo segundo a teoria das quatro ondas do terrorismo moderno**. Rio de Janeiro: Observatório Militar da Praia Vermelha, v. 1, p. 1-32, 2018.

RAPOPORT, David C. **The Four Waves of Modern Terrorism In: Attacking Terrorism Elements of Grand Strategy**, Washington: Georgetown University Press. 2004, p. 46-73.

RICUPERO, Rubens. **O mundo após o 11 de setembro: a perda da inocência**. *Tempo Social*, [s.l.], v. 15, n. 2, 2003, p.9-30.

SAINT-PIERRE, Héctor L. **11 de Setembro: do terror à injustificada arbitrariedade e o terrorismo de Estado**. São Paulo: Revista de Sociologia e Política, [s.l.], v. 23, n. 53. 2015, p.9-26.

SAWASAKI, Cindy. A.; FORIGO, Marlus. V. **Uma análise da guerra no Iraque com base nas ideias de Michel Foucault e Joseph Nye**. Curitiba: Revista de Relações Internacionais do Centro Universitário Curitiba – UNICURITIBA. v. 2, n. 12, 2010, p. 9-47.

SORTO, Fredys O. **A doutrina Bush das guerras preventivas e o sistema das Nações Unidas**. João Pessoa, v. 4, n. 1, 2005, p.127-173.

SOUZA, Emerson M. **Ordem e Justiça na sociedade internacional pós-11 de Setembro**. São Paulo: Revista Brasileira de Política Internacional, [s.l.], v. 52, n. 1, 2009, p.133-148.

SHANNON, Vaughn P.; KELLER, Jonathan W. **Leadership Style and International Norm Violation: The Case of the Iraq War**. Malden: v. 3, n. 1, 2007, p.79-104.

SNYDER, Richard C.; BRUCK, H. W.; SAPIN, Burton. **Decision-Making as an Approach to the Study of International Politics. Foreign Policy Decision-making**. Nova Iorque: ed. Palgrave Macmillan US, 2002, p.21-152.

TRAUMANN, Andrew P. **Os falcões pousaram: o papel da ONU no conflito EUA-Iraque (1990-2003)**. Maringá: Revista Urutágua: revista acadêmica multidisciplinar, v. 15, n. 1, 2008, p.139-150.

WELLAUSEN, Saly S. **Terrorismo e os atentados de 11 de setembro**. São Paulo: Revista Tempo Social. v.14 n. 2. 2002, p. 83- 112.

ZAHREDDINE, Danny; TEIXEIRA, Rodrigo C. **A ordem regional no Oriente Médio 15 anos após os atentados de 11 de Setembro**. São Paulo: Revista de Sociologia e Política, [s.l.], v. 23, n. 53, 2015, p.71-98.

## APÊNDICE

### APÊNDICE A - Frequência de palavras de acordo com as classes

Classe	Palavra	<i>f</i>	X <sup>2</sup>	p valor
<b>Classe 1</b> <i>(“Consternação com o 11 de setembro”)</i>	American	91.67%	44.93	< 0,0001
	Attack	75%	26.68	< 0,0001
	Person	56.52%	25.07	< 0,0001
	Target	100%	17.53	< 0,0001
	Ambition	100%	13.05	0.00030
	Pray	100%	13.05	0.00030
	Military	46.15%	6.84	0.00888
	Citizen	45.45%	5.41	0.01998
	Danger	45.45%	5.41	0.01998
	Act	50%	5.29	0.02149
	Brutal	66.67%	4.52	0.03351
	Design	66.67%	4.52	0.03351
	Future	66.67%	4.52	0.03351
	General	66.67%	4.52	0.03351
	Action	66.67%	4.52	0.03351
	Face	66.67%	4.52	0.03351
	Remove	66.67%	4.52	0.03351
Strong	66.67%	4.52	0.03351	
Operation	50%	3.91	0.04811	
Classe	Palavra	<i>f</i>	X <sup>2</sup>	p valor
<b>Classe 2</b>	Unite	65.52%	61.33	< 0,0001

<i>(“Construção do papel dos EUA na defesa da dignidade humana”)</i>	State	70.59%	39.63	< 0,0001
	Council	100%	25.48	< 0,0001
	Commitment	85.71%	24.82	< 0,0001
	Create	100%	20.24	< 0,0001
	Require	100%	20.24	< 0,0001
	Security	50%	14.07	0.00017
	Help	62.50%	12.55	0.00039
	Resolve	75%	9.89	0.00165
	Resolution	75%	9.89	0.00165
	America	41.18%	8.1	0.00441
	Nation	31.43%	6.98	0.00824
	Liberty	60%	6.85	0.00884
	Stand	60%	6.85	0.00884
	Dignity	66.67%	5.4	0.02008
	Faith	66.67%	5.4	0.02008
	Issue	66.67%	5.4	0.02008
	Internacional	66.67%	5.4	0.02008
	Suffer	66.67%	5.4	0.02008
	Sustain	66.67%	5.4	0.02008
	Difficult	50%	4.89	0.02706
Peace	35.71	3.91	0.04789	
<b>Classe</b>	<b>Palavra</b>	<b>f</b>	<b>X<sup>2</sup></b>	<b>p valor</b>
<b>Classe 3</b>	Weapon	95%	64.54	< 0,0001
	Mass	90%	25.78	< 0,0001

<i>("Construção da ameaça do Iraque")</i>	Iraq	51.22%	23.55	< 0,0001
	Destruction	100%	23.39	< 0,0001
	Missile	100%	23.39	< 0,0001
	Biological	100%	19.9	< 0,0001
	Program	87.5%	18.8	< 0,0001
	Range	100%	16.46	< 0,0001
	Hussein	72.73%	15.58	< 0,0001
	Saddam	72.73%	15.58	< 0,0001
	Hide	100%	13.07	0.00029
	Material	100%	13.07	0.00029
	Oil	100%	13.07	0.00029
	Food	100%	13.07	0.00029
	Build	75%	12.14	0.00049
	Stop	83.33%	12.13	0.00049
	Nuclear	83.33%	12.13	0.00049
	Regime	50%	11.87	0.00057
	Plan	100%	9.74	0.00180
	Agent	100%	9.74	0.00180
	Chemical	100%	9.74	0.00180
	Emergency	100%	9.74	0.00180
	Immediately	100%	9.74	0.00180
	Lead	100%	9.74	0.00180
	Place	100%	9.74	0.00180
	Produce	100%	9.74	0.00180

	Sanction	100%	9.74	0.00180
	Inspector	100%	9.74	0.00180
	Destroy	80%	8.94	0.00278
	Terrible	80%	8.94	0.00278
	Capable	75%	5.89	0.01521
	Wish	75%	5.89	0.01521
	Year	50%	4.89	0.02706
<b>Classe</b>	<b>Palavra</b>	<b>f</b>	<b>X<sup>2</sup></b>	<b>p valor</b>
<b>Classe 4</b> (“Necessidade de defesa”)	God	100%	22.07	< 0,0001
	Defend	77.78%	21.55	< 0,0001
	Life	66.67%	19.33	< 0,0001
	Care	100%	17.53	< 0,0001
	Tonight	100%	17.53	< 0,0001
	Torture	100%	17.53	< 0,0001
	Ask	100%	17.53	< 0,0001
	Child	100%	17.53	< 0,0001
	Bless	100%	13.05	0.00030
	Good	80%	12.52	0.00040
	Freedom	47.37%	11.45	0.00071
	Today	50%	9.68	0.00185
	Fellow	75%	8.38	0.00379
	Sacrifice	60%	5.65	0.01741
	Battle	66.67%	4.52	0.03351
	Generation	66.67%	4.52	0.03351
Desire	66.67%	4.52	0.03351	

Classe	Palavra	<i>f</i>	X <sup>2</sup>	p valor
<b>Classe 5</b> <i>(“Preocupação com a liberdade do Oriente Médio”)</i>	Give	66.67%	4.52	0.03351
	East	90%	30.62	< 0,0001
	Middle	90%	30.62	< 0,0001
	Conflict	88.89%	26.48	< 0,0001
	Nation	45.71%	16.85	< 0,0001
	Mind	100%	15.37	< 0,0001
	Progress	100%	11.44	0.00071
	Hope	71.43%	11.18	0.00082
	Region	80%	10.78	0.00102
	Freedom	47.37%	09.06	0.00260
	Meet	54.55%	7.99	0.00469
	Fully	66.67%	7.8	0.00523
	Challenge	66.67%	7.8	0.00523
	Reform	75%	7.17	0.00741
Force	44.44%	6.73	0.00950	

*Elaborado pela autora.*